
**BIBLIOGRAFIA DE JOÃO UBALDO RIBEIRO
E BIBLIOGRAFIA GERAL
(ilustradas com notas de rodapé)**

8.1. DE JOÃO UBALDO RIBEIRO⁹⁴³

8.1.1. ROMANCES

- 1968:** *Setembro não tem sentido* (1ª ed.: José Álvaro Editor, direitos adquiridos pela Nova Fronteira, Rio de Janeiro, no ano de **1987**).
- 1971:** *Sargento Getúlio* (1ª ed.: Artenova).
- 1979:** *Vila Real* (1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira).
- 1984:** *Viva o povo brasileiro* (1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira).
- 1989:** *O sorriso do lagarto* (1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira).
- 1997:** *O feitiço da ilha do Pavão* (1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira).
- 1999:** *A casa dos Budas ditosos* (1ª ed.: Objetiva, série “Plenos Pecados”).
- 2000:** *Miséria e grandeza do amor de Benedita* (1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, como *e-book* e, em seguida, como livro impresso)
- 2002:** *Diário do farol* (1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira).

8.1.2. OUTROS

- 1959:** **(participação em coletâneas)** — “Lugar e circunstância”. In: ARAÚJO, Nelson & MAIA, Vasconcelos (orgs.). *Panorama do conto baiano*. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia.

⁹⁴³ — Muitas informações presentes aqui nesta bibliografia de João Ubaldo Ribeiro, principalmente aquelas referentes às suas obras publicadas no exterior, foram gentilmente cedidas a mim pela professora Zilá Bernd, que as coletou e sistematizou para a *Obra seleta* de João Ubaldo Ribeiro (*op. cit.*).

- 1961: (participação em coletâneas)** — “Josefina”, “Decalhão”, “O campeão”. In: SALLES, David (org). *Reunião: contos*. Apresentação de Eduardo Portella, capa de Calasans Neto. Salvador: Universidade da Bahia.
- 1974: (contos)** — *Vencecavalo e o outro povo*. São Paulo: Arte Nova.⁹⁴⁴
- 1977: (antologia)** — Histórias pitorescas. Sem referência.
- 1981: (ensaio)** — *Política (quem manda, por que manda, como manda)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 1981: (contos):** *Livro de histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 1983: (infanto-juvenil)** — *Vida e paixão de Pandonar, o cruel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 1988: (crônicas)** — *Sempre aos domingos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Reunião de 42 crônicas para **O Globo**, de 1981 a 1987.
- 1990: (infanto-juvenil)** — *A vingança de Charles Tiburone*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 1991: (contos)** — *Já podeis da pátria filhos, e outras histórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Reedição do *Livro de histórias*, com a inclusão dos contos “Patrocinando a arte” e “O estouro da boiada”.
- 1992: (apresentação de livros)** — “Um espelho distante”. In: ANÔNIMO. *Arte de furto - Séc. XVIII* (“Clássicos Nova Fronteira”). Rio de Janeiro: Nova fronteira.
- 1993: (organização de livro e apresentação)** — “Apresentação”. In: BERNARDES, Manuel. *Nova floresta - Séc. XVII* (Coleção “A arte da prosa”). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 1995: (crônicas)** — *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 1995: (apresentação de livros)** — “Apresentação”. In: LACERDA, Rodrigo. *O mistério do Leão Rampante*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1995.
- 1997: (apresentação de livros)** — “Vida e livro fascinantes”. In: GOMES, João Carlos Teixeira. *Glauber Rocha, esse vulcão*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

⁹⁴⁴ — É divertida a história da gênese de *Vencecavalo...* — disse eu, em nota. — Ouça: “Estava na casa de Jorge Amado, com uma raiva danada porque *Sargento Getúlio* não teve o sucesso que eu queria. Tive um ataque: ‘Vou escrever *A volta do Sargento Getúlio, O filho do Sargento Getúlio* e até *Sargento Getúlio cavalga novamente!*’. Acabei fazendo um livro de contos, em que um filho virtual do sargento aparecia. Batizei de *A guerra dos Paranaguás*, mas o editor Alvaro Pacheco resolveu mudar. *Vencecavalo* é o filho do sargento Getúlio. Mas até eu tenho dificuldade para lembrar esse título”, diz o autor (Daniela NAME, “As ilhas de Ubaldo”, **O Globo**, 3 ago. 1997). — E acrescentei: — Jorge Amado considerava *Vencecavalo...* um “Rabelais tropical” (Mário PONTES, “João Ubaldo — O sertão e sua gente...”, **O Globo**, 15 mar. 1981).

- 1998: (crônicas)** — *Arte e ciência de roubar galinha*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 1998: (participação em coletâneas)** — “Já podeis da pátria filhos”. In: COSTA, Flávio Moreira da. *Onze em campo e um banco de primeira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- 2000: (crônicas)** — *O conselheiro come*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- 2004: (crônicas)** — *Você me mata, Mãe gentil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

8.1.3. VERSÕES PARA O INGLÊS⁹⁴⁵ (DO PRÓPRIO AUTOR)⁹⁴⁶

- 1977:** *Sergeant Getúlio (Sargento Getúlio)*. Boston: Houghton Mifflin;⁹⁴⁷ Londres: André Deutsch, **1980**.⁹⁴⁸
- 1989:** *An invincible memory (Viva o povo brasileiro)*. Londres: Faber and Faber; Nova Iorque: Harper & Row, **1989**.⁹⁴⁹

⁹⁴⁵ “— ... *I suffered a lot while translating my books*”, escreveu João Ubaldo Ribeiro num artigo — e comecei a ler. — “*So why did I do it? I have been the victim of unfortunate circumstances. The first novel I worked on was Sergeant Getúlio, which, written in dialect, is hard to understand, even for Brazilians. The hapless American translator to whom this torture was assigned couldn’t avoid doing a terrible job on the first thirty pages, after which he gave up. They sent it back to me, and because it was my first publication outside Brazil, because I was young and had illusions, I volunteered to do the translation. It was an ordeal I swore I would never go through again*” (João Ubaldo Ribeiro, “Suffering in translation”, **The Times**, 17 a 23 nov. 1989). E traduzi: “Eu sofri muito enquanto traduzia meus livros. Então por que fiz isso? Fui vítima de infelizes circunstâncias. O primeiro romance em que trabalhei foi *Sargento Getúlio*, o qual, escrito num dialeto, é difícil de se entender, mesmo por brasileiros. O infeliz tradutor americano ao qual essa tortura foi imposta não conseguiu evitar de fazer um péssimo trabalho nas primeiras trinta páginas, depois das quais ele desistiu. Eles me mandaram tudo de volta, e porque esse era a minha primeira publicação fora do Brasil, e porque eu era jovem e tinha ilusões, eu voluntariamente me ofereci para fazer a tradução. Isso foi uma tarefa em que eu jurei jamais entrar novamente”.

⁹⁴⁶ — Disse o seu amigo José de Honorina: “Tem um bando de sacanas na Academia que num faz o que João fez: meter todo o povo brasileiro (...) em inglês. Escreveu o livro duas vezes, em português e em inglês. Eu perguntei ao agente dele (Thomas Coltchie): ‘Venha cá, por que nós somos obrigados a falar em inglês e vocês não aprendem a falar em português?’. O sacana me disse assim: ‘Imperialismo cultural. Pra lidar com o mundo, tem que falar inglês’, e João se entendeu com o mundo, levou dois anos fazendo, meteu *Viva o povo brasileiro* todo em inglês, não deu trabalho àqueles (...) de lá” (JAGUAR, Fernando VITA, Fernando de BARROS, Haroldo CARDOSO, André Luiz OLIVEIRA, “Pasquim vai à Itaparica entrevistar João Ubaldo. Muito riso e pouca literatura”, **Pasquim**, 23 nov. 1989).

⁹⁴⁷ — E disse, com relação à versão para o inglês de seu *Getúlio*: “— O *Sargento Getúlio* é muito difícil, principalmente para quem não conhece a linguagem semi-dialetal. Eu resolvi traduzir eu mesmo por uma questão de zelo” (“João Ubaldo Ribeiro: ‘Nada do que é humano me é estranho’”, texto sem referência).

⁹⁴⁸ — “Meu único exemplar da edição americana é um que saiu errado, com as páginas do fim encadernadas de cabeça para baixo, porque todos os outros me foram tomados por amigos”, disse ele. “Caetano Veloso mesmo me exigiu um exemplar e depois disse, com desprante, que em inglês era melhor do que em português...” (Arquivo da editora Nova Fronteira).

8.1.4. LIVROS TRADUZIDOS⁹⁵⁰

- PARA O ALEMÃO:

GÜDE-MERTIN, Ray (trad.). *Der Heilige, der nicht an Gott glaubte (O santo que não acreditava em Deus)*. Frankfurt: Suhrkamp, 1981.

_____. *Ein Brasilianer in Berlin (Um brasileiro em Berlin)*. Frankfurt: Suhrkamp, 1994.

_____. *Leben und Leidenschaft von Pandonar dem Grausamen (Vida e paixão de Pandonar, o cruel)*. Munique: Hanser, 1994.

⁹⁴⁹ — E retomo agora o artigo em inglês. Ouça: “... my agent arranged for me to go to New York, where he then lived, and proceeded to convince me that my new book would be all but murdered by any translator other than myself. I was properly flattered, but stood my ground. Never, I said. So he ordered two bottles of Scotch, saying he had to drink to forget my foolhardy decision — and I joined him, and two hours later, reciting parts of Byron’s *Don Juan* and believing myself to be the full equal of Dickens, I signed the contract that he had been hiding in an envelope under one of the bottles. It took me longer to translate the book than to write it (...) So should I suffocate the book with hundreds of footnotes, making it longer than the New York telephone directory? I decided I wouldn’t. That involved a little cheating here and there — with the knowledge of the publishers, I hasten to add. For example, when I mentioned D. Pedro I, our first emperor (...), I added the word ‘emperor’, which was not in the original. (...) I don’t think it’s extremely important to understand everything, but there are those who feel cheated because I have neither made a glossary nor presented them with a synopsis of Brazilian history. (...) And what of the profanities, obscenities, curse words and assorted racial slurs with which Portuguese is so opulently endowed, making foul-mouthed English sound virginal by comparison? Again an impossible mission, interspersed by embarrassing consultations with American friends over the phone” (João Ubaldo Ribeiro, “Suffering in translation”, *The Times*, 17 a 23 nov. 1989). E traduzi: “Meu agente arranhou de eu ir para Nova Iorque, onde ele então morava, e começou a convencer-me de que meu novo livro seria nada menos que destruído por qualquer outro tradutor que não eu mesmo. Eu estava mesmo lisonjeado, mas mantive o pé. Nunca, eu disse. Ele pediu então duas garrafas de Scotch, alegando que tinha de beber para esquecer a minha imprudente decisão — e eu me juntei a ele. E duas horas depois, recitando partes do *Don Juan*, de Byron, e me sentindo à altura de Dickens, assinei o contrato que ele tinha escondido num envelope, debaixo de uma das garrafas. Demorei mais tempo para traduzir o livro do que para escrever (...). Eu iria sufocar o livro com centenas de notas de rodapé, fazendo-o maior que a lista telefônica de Nova Iorque? Decidi que não. Isso significou uma ou outra trapaceadazinha, com o consentimento dos editores, apresso-me a acrescentar. Por exemplo, quando eu menciono D. Pedro I, nosso primeiro Imperador, eu acrescentei a palavra ‘imperador’, que não estava no original. (...) Eu não acho que seja extremamente importante entender tudo, mas há os que se sentem fraudados porque eu nem fiz um glossário nem lhes presenteei com uma sinopse da História do Brasil. (...) E todas as blasfêmias, obscenidades, palavrões, grunhidos racistas, dos quais a língua portuguesa é tão bem servida, fazendo o mais desbocado inglês parecer virginal na comparação? Mais uma vez uma missão impossível, entremeada por embaraçosas consultas a amigos americanos por telefone”. E disse ainda João Ubaldo, noutra matéria: “— A tradução que eu fiz para o inglês (...) foi usada como uma espécie de vulgata” (entrevista a José Reinaldo CARVALHO, “João Ubaldo indaga sobre a alma humana”, *A Classe Operária*, 12 a 25 jan. 1989).

⁹⁵⁰ — Zilá Bernd manteve conversações com o agente literário de João Ubaldo, Thomas Coltchie, que lhe disse existirem ainda traduções para o finlandês, o holandês e o norueguês. As referências, no entanto, não chegaram a tempo.

MEYER-CLASON, Curt & DEUTSCH, Jacob (trad.). *Brasilien, Brasilien (Viva o povo brasileiro)*. Frankfurt: Suhrkamp, 1988.⁹⁵¹

MEYER-CLASON, Curt (trad.). *Sargento Getúlio*. Frankfurt: Suhrkamp, 1988.

SCHWEDER-SCHREINER, Karin von (trad.). *Das Lächeln der Eidechse (O sorriso do lagarto)*. Frankfurt: Suhrkamp, 1994.

- **PARA O HOLANDÊS:**

LEMMENS, Harrie (trad.). *Bericht uit de vuurtoren (Diário do farol)*. Amsterdã: De Bezige Bij, 2004.

_____. *Brazilië Brazilië (Viva o povo brasileiro)*. Amsterdã: Anthos, 2004.

_____. *De ongelukkige en grootmoedige liefde van Benedita (Miséria e grandeza do amor de Benedita)*. Amsterdã: De Bezige Bij, 2005.

_____. *Het huis van de gelukkige boeddha's (A casa dos Budas ditosos)*. Amsterdã: De Bezige Bij, 2001.

- **PARA O DINAMARQUÊS:**

SIBAST, Peer (trad.). *Sergenten (Sargento Getúlio)*. Aarhus: Husets, 1991.

- **PARA O ESPANHOL:**

GURGEL, Beatriz de Moura. *La casa de los budas dicttosos (A casa dos Budas ditosos)*. Colección: La Sonrisa Vertical. Barcelona: Tusquets, 2000.

MERLINO, Mario (trad.). *El hechizo de la isla del pavo real (O feitiço da ilha do pavão)*. Barcelona: Tusquets, 2001.

_____. *La sonrisa del lagarto (O sorriso do lagarto)*. Madri: Alfaguara, 1993.

_____. *La venganza de Charles Tirabuzón (A vingança de Charles Tiburone)*. Madrid: Alfaguara, 1993.

_____. *Sargento Getulio (Sargento Getúlio)*. Madri: Alfaguara, 1984.

_____. *Vida y pasión de Pandonar el cruel (Vida e paixão de Pandonar, o cruel)*. Madrid: Alfaguara, 1986.

⁹⁵¹ — Vou colocar em nota de rodapé — pensei — o que diz João Ubaldo sobre o seu tradutor alemão: “— Para o alemão, o tradutor principal foi um amigo meu, Kurt Meyer Klason [sic], que é tradutor de Guimarães Rosa, de Drummond, de muitos escritores brasileiros. Ele tem muitos serviços prestados à divulgação da literatura brasileira no exterior. É um especialista, mas a editora achou por bem pegar a colaboração também de outras pessoas. (...) Interessante é que a edição alemã cita na sobrecapa uma opinião sua sobre o livro publicada na *Tribuna Operária*” (José Reinaldo CARVALHO, “João Ubaldo indaga sobre a alma humana”, *A Classe Operária*, 12 a 25 jan. 1989).

_____. *Vila Real*. Madri: Altera Taurus/Alfaguara, 1991.

_____. *Viva el pueblo brasileño (Viva o povo brasileiro)*. Madri: Alfaguara, 1989; Barcelona: Tusquets, Colección Andanzas, 2001; Barcelona: Círculo de Lectores, 2001.

- **PARA O CASTELHANO:**

OIARTZABAL, Karlos Zabala (trad.). *Buda zoriontsuen etxea (A casa dos Budas ditosos)*. Espanha, Navarra: Txalaparta Argitaletxea, 2003.

- **PARA O FRANCÊS:**

RAILLARD, Alice (trad.). *Sergent Getúlio (Sargento Getúlio)*. Paris: Gallimard, 1978. Reedição em 2004.⁹⁵²

_____. *Vila Real*. Paris: Gallimard, 1986.

THIÉRIOT, Jacques (trad.). *Le sourire du lézard (O sorriso do lagarto)*. Paris: Le serpent à plumes, 1998.

_____. *Ô luxure ou la maison des bouddhas bienhereux (Luxúria ou A casa dos Budas ditosos)*. Paris: Le serpent à plumes, 2001. Reedição em 2004.

_____. *Vive le peuple brésilien (Viva o povo brasileiro)*. Paris: Pierre Belfond, 1989.⁹⁵³

- **PARA O HEBRAICO:**

TIVON, Miriam (trad.) *Samal Getúlio (Sargento Getúlio)*. Tel-Aviv: Zmora-Bitan, 1984.

⁹⁵² — Ouça esta nota — eu disse a ele. — “... dificuldade mesmo, corpo-a-corpo ferrenho com a palavra e a frase, Alice Raillard experimentou sobretudo, entre os seus trabalhos já publicados, na tradução de *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro, para a Gallimard. Seu regionalismo tortuosamente burilado na linguagem obrigou a tradutora ao duplo esforço de decifrar o acúmulo de elipses no português e, depois, fabricar elipses de eficaz correspondência no francês” (Roberto PONTUAL, Alice Raillard — Nacionalidade: francesa, Profissão: tradutora, Especialidade: literatura brasileira contemporânea, **Jornal do Brasil**, 14 fev. 1981). Alice Raillard referiu-se ainda, em outro momento, citado por Zilá Bernd, à sensação de *dépaysement* provocada pelo drama de Getúlio (Zilá BERND, “Um certo Sargento Getúlio”, *op. cit.*, p. 19). E disse João Ubaldo Ribeiro, em uma entrevista, que gosta muito da edição francesa: “... acho uma belíssima tradução, sou o maior fã de Alice” (Arquivo da editora Nova Fronteira).

⁹⁵³ — “Grande e Pequeno Ubaldos em geral se incomodam dos porquês do fascínio que seus livros despertam nos europeus”, diz o jornalista Sergio Vilas BOAS. “Acho que gostam da minha carmen-mirandice”, responde Ubaldo. — E continuei a nota: — “A edição francesa de *Vive le peuple brésilien*, por exemplo, traz na capa índios com lanças e corpos pintados nas cores azul, vermelha e branca, numa simetria que em muito remete à bandeira dos EUA” (“... o escritor carioca-baiano tenta conciliar...”, **Gazeta Mercantil**, 18 e 19 mar. 2000).

- **PARA O INGLÊS:**

LANDERS, Clifford E. (trad.). *The house of the fortunate buddhas (A casa dos Budas ditosos)*. Naples: 2001.

_____. *The lizard's smile (O sorriso do lagarto)*. Nova Iorque: Atheneum, 1994; London: André Deutsch, 1996.

- **PARA O ITALIANO:**

FERIOLI, Daniela (trad.). *Libro delle storie naturali (Livro de histórias)*. Turim: Einaudi, 1991.

MORETTI, Stefano (trad.). *Sergente Getúlio (Sargento Getúlio)*. Turim: Einaudi, 1986.

VALENTINETTI, C. M. (trad.). *Viva il popolo brasiliano (Viva o povo brasileiro)*. Milão: Frassinelli, 1997.

- **PARA O IUGOSLAVO:**

MODER, Janko (trad.). *Serzant Getúlio (Sargento Getúlio)*. Murska Sobota: Pomuta Zalozba, 1984.

- **PARA O RUSSO:**⁹⁵⁴

NOVIKOVA, Ludmila (trad.). *Sargento Getúlio*.⁹⁵⁵

- **PARA O SUECO:**

SJÖGREN, Orjan (trad.). *Ödlas leenden (O sorriso do lagarto)*. Estocolmo: Bra Böcker, 1994.

⁹⁵⁴ — Sobre a tradução de *Sargento Getúlio*, diz aqui uma matéria: “Ludmila Novikov [sic] [já traduziu *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marques, e *Tia Júlia e o escrevinhador*, de Mario Vargas Lhosa] foi à Bahia conversar com Jorge Amado, de quem é amiga há muitos anos. Manifestou vontade de traduzir o livro para o russo. Jorge Amado pegou o telefone e ligou para João Ubaldo na ilha de Itaparica. ‘— João, eu tenho aqui ao meu lado uma russa maluca que quer traduzir o seu romance’ — disse Jorge Amado” (“Ludmila Novikov [sic], tradutora russa de *Sargento Getúlio*”, texto sem referência, 7 abr. 1985).

⁹⁵⁵ — Segundo nos diz Zilá Bernd, na bibliografia da *Obra seleta* de João Ubaldo Ribeiro, Ludmila Novikova traduziu *Sargento Getúlio* para o russo, sim. A tradução, no entanto, foi publicada em uma revista e com tiragem de 800 mil exemplares. Não se encontraram as referências completas dessa tradução. Segundo Zilá, nem o próprio João Ubaldo Ribeiro tem uma cópia (“Bibliografia do autor / Obras publicadas no exterior / Russo”, in Zilá BERND (org.) & OUTROS, *João Ubaldo Ribeiro — Obra seleta, op. cit.*, p. 1401). Há ainda — continuei — uma matéria da *Folha de S. Paulo* que menciona também, além de outros números, a reação do próprio João Ubaldo. Veja — e li. — “Nos próximos meses, vai ser lançado na Rússia, com uma tiragem inicial de 600 mil exemplares, o que fez o escritor ficar emocionado. ‘Há muito que eu não tinha essas emoções que chamo literárias, mas fiquei louco quando soube o total da primeira tiragem. É uma fábula, principalmente para um escritor brasileiro, que é *best seller* quando vende 40 mil livros” (Isa CAMBARÁ, “João Ubaldo, outro baiano na lista...”, **Folha de S. Paulo**, 24 dez. 1984).

TÄCKMARK, Sven Erik & KRUMLINDE, Lars (trad.). *Bresilien, Bresilien (Viva o povo brasileiro)*. Bra Böcker: 1991.⁹⁵⁶

_____. *Sergeant Getúlio (Sargento Getúlio)*. Estocolmo: Wilken, 1991.

8.1.5. ADAPTAÇÕES, ROTEIROS (AUTORIA E CO-AUTORIA) EM CINEMA, TELEVISÃO E TEATRO

- 1983 (longa-metragem):** *Sargento Getúlio*, com direção de Hermano Penna (participação nos diálogos do roteiro).
- 1991 (minissérie):** *O sorriso do lagarto*, uma adaptação de Walter Negrão e Geraldo Carneiro, com direção de Roberto Talma, pela Rede Globo.
- 1993 (programa TV):** *O santo que não acreditava em Deus*, do livro *Já podeis da pátria filhos*, de 1981, “Caso Especial”, com direção de Roberto Talma, pela Rede Globo (adaptação).
- 1994 (minissérie):** *O compadre de Ogum*, do romance *Os pastores da noite*, de Jorge Amado, pela Rede Globo (adaptação).
- 1994 (programa TV):** *O poder da arte e da palavra*, do livro *Já podeis da pátria filhos*, de 1981, “Teleteatro/Brasil Especial”, com direção de Tizuka Yamazaki, pela Rede Globo.
- 1995 (programa TV):** *A maldita*, do conto “Patrocinando a arte”, do livro *Já podeis da pátria filhos*, de 1981, “Caso Especial”, com direção de Reinaldo Boury, pela Rede Globo (adaptação).
- 1996 (longa-metragem):** *Tieta do Agreste*, de Jorge Amado, com direção de Cacá Diegues (adaptação de roteiro para cinema com Cacá Diegues e Antônio Calmon).
- 1997 (programa TV):** *Danada de sabida*, do conto “O artista que veio aqui dançar com as moças”, do livro *Já podeis da pátria filhos*, de 1981, “Terça Nobre”, com direção de Reinaldo Boury, pela TV Bahia (roteiro com Geraldo Carneiro).
- 2003 (longa-metragem):** *Deus é brasileiro*, adaptação do conto “O santo que não acreditava em Deus”, do livro *Já podeis da pátria filhos*, de 1981, com direção de Cacá Diegues.⁹⁵⁷

⁹⁵⁶ — “Na Suécia, (...) *Viva o povo...* (...) vendeu mais de 100 mil exemplares. A capa, um rosto metade onça, metade mulher e olhos verdes”, diz Sergio Vilas Boas (“... o escritor carioca-baiano tenta conciliar...”, *Gazeta Mercantil*, 18 e 19 mar. 2000).

⁹⁵⁷ — “O cineasta Cacá Diegues lhe pediu para adaptar seu conto ‘O santo que não acreditava em Deus’ para o cinema. Como será este filme? João Ubaldo: — Será uma comédia e não um filme patético ou sentimentalóide. Espero que ele faça algo interessante porque eu não gosto de ver filme chato. Deve se chamar *Deus é brasileiro*, e não será nada parecido com o ‘Caso

(cont.)

2004 (peça de teatro): *A casa dos Budas ditosos*, adaptada e dirigida por Domingos de Oliveira, com Fernanda Torres como protagonista.

2004-2005 (longa-metragem): *Viva o povo brasileiro*, em fase de pré-produção em 2004, com direção de André Luiz Oliveira.

8.2. GERAL

8.2.1. BIBLIOGRAFIA CITADA SOBRE JOÃO UBALDO RIBEIRO (LIVROS, CAPÍTULOS, TESES, DISSERTAÇÕES, ARTIGOS, ENSAIOS)

BENTES, Ivana (org.). “Carta de João Ubaldo Ribeiro a Glauber Rocha: Salvador, 11 de novembro de 1963”. In: _____. *Glauber Rocha — Cartas ao mundo*, São Paulo, Companhia das Letras, 1997, p. 227-229.

BERND, Zilá & UTÉZA, Francis. *O caminho do meio — uma leitura da obra de João Ubaldo Ribeiro*. Porto Alegre: Ed. da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 2001.

BERND, Zilá (org.) & OUTROS. *João Ubaldo Ribeiro — Obra seleta* (em um volume). Biblioteca Luso-Brasileira, Séria Brasileira. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

BRITO, José Domingues de (org.). “João Ubaldo Ribeiro”. In: _____. *Por que escrevo? — coletânea de depoimentos célebres*. São Paulo: Escrituras, 1999, p. 101. Fonte: RICCIARDI, Giovanni. *Auto-retratos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

COUTINHO, Wilson. *João Ubaldo Ribeiro: um estilo da sedução*. Coleção “Perfis do Rio”. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro; Rioarte, 1998.

CUNHA, Eneida Leal. *Estampas do imaginário — literatura, cultura, história e identidade*. Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio. Rio de Janeiro, abr. 1993. Orient. Affonso Romano de Sant’Anna.

FASSONI, Orlando. “Sargento Getúlio”. *Os anos Embrafilme*. Embrafilme, s/d., p. 141-142.

MATTOS, Stella Costa de. *Sargento Getúlio — uma história de aretê*. Instituto de Letras e Artes, Pós-graduação em Lingüística e Letras, Pontifícia

Especial’ exibido pela Rede Globo em 1993. Surgirão novos personagens e o Deus será mal-humorado, de pavio curto, do jeito que o Cacá Diegues gosta” (Viviane ROSALEM, “Escrevo por dinheiro”, *IstoÉ*, 22 nov. 1999).

Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Orientação de Regina Zilberman. Porto Alegre, dez. 1985.

RICCIARDI, Giovanni. “João Ubaldo Ribeiro”. In: _____. *Auto-retratos*. São Paulo: Martins Fontes, 1991, p. 349-370. Entrevista de outubro de 1986.

ROCHA, Fátima Cristina Dias. “São Bernardo e Sargento Getúlio: vozes e gestos em contraponto”. In: NUÑEZ, Carlinda Fragale Pate (org.). *Armadilhas ficcionais: modos de desarmar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003, p. 41-55.

VÁRIOS AUTORES. *João Ubaldo Ribeiro. Cadernos de Literatura Brasileira*, nº 7. Instituto Moreira Salles, mar. 1999.

YUNES, Eliana. “O poder da fala em Sargento Getúlio” (nov. 1978). In: VÁRIOS AUTORES. *Linguagens/PUC-RJ, Literatura/Estudos*, vol. 1, nº 2. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro — PUC-Rio, s/d.

8.2.2. BIBLIOGRAFIA CITADA DE IMPRENSA (ORGANIZADA POR ORDEM DE VEÍCULO)⁹⁵⁸

NACIONAIS:

- **A Classe Operária:**

CARVALHO, José Reinaldo (entrevista). “João Ubaldo indaga sobre a alma humana — No dia 21 de dezembro, primeiro do verão, o escritor João Ubaldo Ribeiro recebeu a reportagem da ‘Classe’ na ilha de Itaparica (Bahia), ‘a terra mais brasileira que existe’, como diz um de seus personagens. Mais do que uma entrevista, o encontro com o criador de *Sargento Getúlio* e *Viva o povo brasileiro* foi um papo ameno, num banco da praça da Quitanda, num intervalo entre a cotidiana pescaria e o diurno trabalho para terminar o seu novo livro, *O sorriso do lagarto*, prometido para este ano”. 12 a 25 jan. 1989.

- **A Gazeta (Vitória, ES):**

SILVA, Beatriz Coelho. “João Ubaldo lança romance virtual — O escritor pretende, em 2001, publicar *Misérias* [sic] e *Grandezas* [sic] do amor... em livro”. *Literatura*, 21 mai. 2000.

⁹⁵⁸ — Esta bibliografia de imprensa resultou de uma pesquisa que realizei nos arquivos do *Jornal do Brasil* e do *Globo*; a partir de algum material coletado em casa, em edições recentes; na Internet; durante a minha “bolsa-sanduíche” em Lisboa, especificamente na Biblioteca Nacional de Lisboa, na Hemeroteca de Lisboa e junto à editora do autor, a Dom Quixote. Destaco agora, entre as fontes, o material que encontrei na Biblioteca Juracy Magalhães Jr., em Itaparica — material que, com a ajuda da Dalva, diretora, da Isa, da Robertina, do Moisés e do Bartolomeu, a quem, mais uma vez, agradeço, organizei, filtrei, cataloguei e, em seguida, graças à confiança que depositaram em mim, trouxe para o Rio de Janeiro, onde fotocopiei e fichei.

- **A Tarde (Salvador, BA):**

CALBO, Iza. “A era do *e-book* — João Ubaldo Ribeiro entra na era do *e-book*, vendendo livro via Internet. Mas há quem prefira a estante tradicional. Confira!”. Caderno 2, Comportamento, 29 jun. 2000.

GUSMÃO, Marcos & FREIRE, Alberto. “*Viva o povo brasileiro pra inglês ler*”. Caderno 2, 24 abr. 1987.

JULIETA. “Sociedade”. Coluna social, set. 1968.

LÔBO, Clodoaldo. “O feitiço da palavra — em entrevista exclusiva, por telefone, João Ubaldo Ribeiro fala sobre seu mais recente livro, *O feitiço da ilha do Pavão*”. Caderno 2, 26 nov. 1997.

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo diz por que *Setembro não tem sentido*”. 14 e 15 set. 1968.

_____. “Longamente esperada chega *Tereza Batista* na Bahia”, 20 dez. 1972.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. “Viva o povo brasileiro! E a língua portuguesa!”. 19 mai. 1985.

- **BNB Notícias — Banco do Nordeste do Brasil:**

NÃO ASSINADO. “Prêmio de Literatura José Lins do Rego”. Notícias, Especial, 19 jul. 1982.

- **Bravo! (São Paulo, SP):**

MARTINS, Wilson. “Crônica (picaresca) da vida brasileira — o novo livro do escritor baiano é mais um painel da epopéia primitiva e tumultuosa da nacionalidade em formação”. Crítica, out. 1997.

PIZA, Daniel. “O faroleiro e as trevas — Em *Diário do farol*, João Ubaldo Ribeiro tenta construir uma teologia do Mal por meio de um personagem que, no entanto, se perde no esquematismo”. Livros, mai. 2002.

- **Carta Capital (São Paulo, SP):**

GAMA, Rinaldo. “O impulso vital — em *Diário do farol*, João Ubaldo embarca em uma narrativa sobre o Mal absoluto”. Plural Livros, 27 mar. 2002.

- **Correio Braziliense (Brasília, DF):**

MACIEL, Nahima (entrevista). “João Ubaldo Ribeiro: a arte de escrever”. Pensar, Livros e Idéias, Caderno 2, 14 set. 1997, p. 2-3.

- **Correio da Bahia (Salvador, BA):**

RIBEIRO, João Ubaldo. “Os 10 conselhos de Manuel Ribeiro, segundo o autor — Um dos melhores romancistas brasileiros, com reconhecimento

inclusive no exterior — chegou a ser alvo de matéria destacada no famoso *The New York Times*, já poucos anos —, o escritor João Ubaldo Ribeiro entrou numa nova seara: a política. Autor de sucessos literários como *Sargento Getúlio*, *Vila Real* e *Livro de histórias*, João Ubaldo, que está morando em Portugal, acaba de publicar *Política — quem manda, por que manda, como manda*. É um autêntico curso prático dado por um ex-professor de Ciência Política da Universidade Federal da Bahia, que tem mestrado em Administração Pública e Ciência Política pela Southern California University. No final deste livro, João Ubaldo apresenta um decálogo de bons conselhos que seu pai, professor Manoel Ribeiro, lhe deu, pensando em torná-lo um ‘cidadão honesto e prestante’. Aqui, a síntese da interpretação feita por Ubaldo sobre os ensinamentos recebidos e, que viraram sucesso nacional também, a explicitação do próprio Manoel Ribeiro, em entrevista concedida ontem”. *Opinião e Análise*, 3 dez. 1981.

- **Correio da Manhã (Rio de Janeiro, RJ):**

BRASIL, Assis. “A liberdade na ficção moderna”. 4º Caderno, 8 set. 1968.

- **Correio Folha da Bahia (Salvador, BA):**

SALES, Paulo (entrevista). “Inventário da maldade / Imperfeitas impressões”. Domingo, 14 abr. 2002.

- **Cult (São Paulo, SP):**

GIRON, Luís Antônio. “Ubaldo enfrenta o diabo”, ano V, nº 57, mai. 2002, p. 8-14.

LACERDA, Rodrigo. “Além do delírio — A Guerra do Paraguai, um dos episódios mais sangrentos da história brasileira, encontrou e *A retirada da Laguna*, do Visconde de Taunay, e *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro, sua melhor expressão literária”. Nov. 1997, p. 46-51.

_____. “Utopia tropical — *O feitiço da ilha do Pavão*, novo romance de João Ubaldo Ribeiro, assinala um processo de isolamento geográfico e estilístico do escritor, que encontrou na fantasia e na linguagem barroca a melhor forma de preservar um universo de riso e luxúria”. Nov. 1997, p. 32-39.

SARAMAGO, José. “O autor como narrador”, ano II, nº 17, p. 25-29.

- **Diário de Notícias (Salvador, BA; São Paulo, SP):**

GOMES, Adgemar. “Coluna do Adgemar Gomes”. Salvador, set. 1969.

MEDINA, Cremilda. “No caminho das almas do recôncavo baiano — jornalista, escritor, Ubaldo Ribeiro está atavicamente ligado a uma literatura de tempos e espaços amplos; persegue as raízes da terra — a Bahia ou o Nordeste das suas origens familiares —, e, ainda que conheça bem os contornos deste mapa, fareja sempre linguagens, hábitos e valores do

Brasil mulato”. Magazine, São Paulo, 14 dez. 1984, republicado, em outro veículo, sem referência, sob o título “Na trilha das almas do Recôncavo Baiano”.

NÃO ASSINADO. “Lançamento do livro de João Ubaldo leva grande público a ‘Civilização’”. Salvador, 21 set. 1968.

NÃO ASSINADO. “*Reunião — Bossa Nova*”. 3º Caderno, Revista Crítica, Salvador, 19 e 20 fev. 1961.

- **Diário do Nordeste (Fortaleza, CE):**

ARAÚJO, Felipe. “O diário da maldade — sai o tom regionalista, entra a contemplação do mal. Em seu novo romance, *Diário do farol*, João Ubaldo Ribeiro segue colhendo as vantagens — e também o ônus — de ser o nosso maior romancista vivo”. Caderno 3, 28 mai. 2002, p. 5.

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo lança livro pela Internet”. Caderno 3, 20 jun. 2000.

_____. “João Ubaldo Ribeiro: tão nordestino, que só escreve em nordestês”. 21 jul. 1982.

- **Ele Ela (São Paulo, SP):**

SÉRGIO, Renato. “João Ubaldo Ribeiro — Um personagem que esqueceu de se incluir num dos seus oito livros, desde o primeiro, *Setembro não tem sentido*, escrito na flor dos vinte anos — agora reeditado —, até *Viva o povo brasileiro*, aos 40. E já pensando no próximo: *O sorriso do lagarto*. Frase padrão: ‘Baiano não nasce, estréia’”. Texto sem data.

- **Elle (São Paulo, SP):**

SANDRONI, Cícero. “O João da ilha — É o romancista João Ubaldo Ribeiro, que preserva sua intimidade em Itaparica, para escrever em paz, como revela nesta entrevista”, ano 2, nº 11, nov. 1989.

- **Enfim:**

RIBEIRO, João Ubaldo. “Eles pensam que são melhores que Dick Farney”, nº 21. Texto sem data.

_____. “O analfabetismo erudito”. Texto sem data, p. 20-21.

- **Época (São Paulo, SP):**

PIRES, Paulo Roberto. “Tempo de monstros — Em novo romance, *Diário do farol*, João Ubaldo Ribeiro rompe as convenções do regionalismo”. 25 mar. 2002.

VIOTTO, Decio. “Itaparica eletrônica — Com cenários e personagens baianos, João Ubaldo Ribeiro escreve o primeiro e-book do país”. Ciência e Tecnologia, Internet, 22 mai. 2000, p. 107.

- **Estado de Minas (Belo Horizonte, MG):**

GUIMARÃES, Airton. “João Ubaldo Ribeiro — o romancista baiano passa os olhos sobre a cultura brasileira antes de ir morar na Alemanha”. 17 mar. 1990.

- **Fatos & Fotos (São Paulo, SP):**

NÃO ASSINADO. “Uma Semana da Pátria na vida da Província”. Livros, 12 out. 1968.

- **Folha da Tarde (São Paulo, SP):**

CAMBARÁ, Isa. “Receita à brasileira de um romance popular”, 25 dez. 1984. Republicado também, em outro veículo, sem referência, sob o título “Viva João Ubaldo Ribeiro — Escritor baiano é sucesso com novo livro”.

- **Folha de S. Paulo (São Paulo, SP):**

ARARIPE, Flaminio. “*Sargento Getúlio*”. 9 abr. 1978.

CAMBARÁ, Isa. “João Ubaldo, outro baiano na lista de ‘best sellers’”. 24 dez. 1984.

CAMPOS, Haroldo de. “Uma leminskiada barrocodélica”. 2 set. 1989.

CARVALHO, Bernardo. “Ubaldo, finalmente, solta novo romance”. Ilustrada, Livros, 22 nov. 1997.

GONÇALVES FILHO, Antônio. “Lima Duarte e a obsessão de um personagem”. Ilustrada, 22 mai. 1983.

GRILLO, Cristina. “Novo romance só será vendido pela Internet — João Ubaldo Ribeiro lança *e-livro Amor de Benedita*”. Literatura, 18 mai. 2000.

MARIÁS, Javier. “O mundo reinventado pela ficção — Literatura resiste como forma de preservar aspectos esquecidos da realidade”. Caderno MAIS!, 5 jan. 1997, p. 11.

RIBEIRO, João Ubaldo. “Escrever romances é sofrer até o fim — João Ubaldo Ribeiro conta como planeja e realiza seus livros”. Letras, 19 abr. 1992.

SANTIAGO, Silviano. “Literatura anfíbia”. Caderno MAIS!, 30 jun. 2002, p. 7.

SÜSSEKIND, Flora. “Escalas e ventríloquos”. Caderno MAIS!, 23 jul. 2000, p. 6-11.

- **Gazeta do Povo (Curitiba, PR):**

NICOLATO, Roberto. “A personificação do mal — autor não quer ser confundido com personagens e enfatiza que não pretendeu atingir a Igreja”. Caderno G, 8 abr. 2002.

- **Gazeta Mercantil (Rio de Janeiro, RJ):**

VILAS BOAS, Sergio. “João Ubaldo Ribeiro — o escritor carioca-baiano tenta conciliar duas metades de um Brasil cada vez mais incompreensível”. *Leitura de Fim de Semana*, 18 e 19 mar. 2000, p. 2.

SILVA, Álvaro Costa e. “João Ubaldo e o padre — o próprio escritor se surpreende com a aceitação de seu mais recente livro, *Diário do farol*”. *Fim de Semana*, 13 e 14 abr. 2002, p. 3.

- **Inimigos do Rei (Salvador, BA):**

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo: Estamos no mesmo barco”. Nº 5, ano 3, abr. e mai. 1979.

- **IstoÉ / IstoÉ Senhor (São Paulo, SP):**

CASTELLO, José. “Com os olhos do povo — O escritor João Ubaldo e seu novo romance”. 19 dez. 1984.

CHAGAS, Luiz. “Leitur@ livre — Editoras e autores se rendem aos encantos da literatura digital. Alguns estão até escrevendo romance em tempo real”. *Livros*, 7 jun. 2000.

LEITE NETO, Alcino. “O paraíso perdido — João Ubaldo Ribeiro põe em xeque a espécie humana”. *Livros, IstoÉ Senhor*, 15 nov. 1989, p. 126-127.

MARTINS, Vera (entrevista). “Dou meu recado com arrogância” (box de S. L. “Vila Real”). *Não Perca, Em Cartaz*, 11 jul. 1979.

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo Ribeiro” (entrevista). 19 mar. 1997.

_____. “Por trás da tela — Leitura virtual”. *Gente*, 29 mai. 2000, p. 85.

S. L. “Vila Real”. *Não Perca, Em Cartaz*, 11 jul. 1979.

- **Jornal da Bahia (Salvador, BA):**

ADONIAS FILHO. “Quatro ficcionistas da Bahia: ‘Reunião’”. 2 e 3 jul. 1961.

GOMES, João Carlos Teixeira. “Sargento Getúlio”. *Idéias e Perfis*, 30 nov. 1980.

MENDONÇA, Fernando Batinga de (org.). “Personagens humanos”. *Página Literária*, 15 jun. 1969.

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo lança hoje na livraria Civilização *Setembro não tem sentido*”. 20 set. 1968.

_____. “João Ubaldo Ribeiro solta o verbo”. 17 e 18 fev. 1985.

PRATA, Vander; ESCARIZ, Fernando & RISÉRIO, Antônio (entrevista). “João Ubaldo Ribeiro: Viva o povo brasileiro”. 3 set. 1983.

RIBEIRO, João Ubaldo. “Como ser um intelectual (I)”. Coluna Satyricon, 8 jul. 1970.
 _____ . Coluna Satyricon, 23 e 24 fev. 1969.

- **Jornal da Cidade (Salvador, BA):**

RIBEIRO, J. U. [ele assinava com iniciais]. “Vida triste”. 25 jan. a 1 fev. 1976, p. 6.

- **Jornal da Pituba (Salvador, BA):**

PINHEIRO, Renato; OLIVEIRA, Césio; AMÉRICO, José; BERNI, José Roberto & CARLO, Sônia (entrevista). “O sorriso do lagarto — João Ubaldo: um livro sobre o mal”. Ping-Pong. Texto sem referência.

- **Jornal da Tarde (São Paulo, SP):**

AIDAR, José Luiz. “O jovem João Ubaldo, raivoso”. 30 mai. 1987 (entrevista de 1977).

MATTOSO, Chico. “Novo Ubaldo busca outro endereço, agora nas livrarias — *Miséria e grandeza do amor de Benedita* foi a primeira obra brasileira comercializada como *e-book*. Mas a resistência dos leitores brasileiros ao ‘livro eletrônico’ acelerou a sua impressão”. SP Variedades, 19 nov. 2000, p. 5C.

NÃO ASSINADO. “Um padre cínico e amoral se confessa na ilha”. Livros, SP Variedades, 28 mar. 2002.

ROLLEMBERG, Manuel. “Hamlet — o tema eterno / Hamlet e Getúlio Santos Bezerra — dramas iguais”. 31 jan. 1976.

- **Jornal da Telebahia (Salvador, BA):**

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo: ‘Eu me achava um gênio e que era uma obrigação publicar os meus livros’ / ‘Escrever não tem *glamour*. É uma grande batalha mesmo””, ano IX, nº 122, jun. 1984.

- **Jornal do Brasil (Rio de Janeiro, RJ):**

AMADO, Jorge. “Um verdadeiro romancista”. Suplemento do Livro, 21 set. 1968.

AVELLAR, José Carlos. “Livro depois do filme, filme depois do livro”. 9 abr. 1983.

CAMARGO, Maria Sílvia. “Um herói tirado da infância — Sargento Getúlio, do romance ao prêmio em gramado — Em 1971, o livro de João Ubaldo afirmou um escritor até então inseguro. O vigor do ser personagem garantiu o sucesso do roteiro”. 9 abr. 1983.

CASTELLO, José. “Os anos 80 deram romance?”. Caderno Idéias, 20 fev. 1988, p. 6-7.

- COSTA, Cristiane (entrevista). “Não vejo parentesco dos meus livros com os de Jorge Amado”. Caderno Idéias, 6 abr. 2002, p. 3.
- FRIAS, Lena. “João Ubaldo Ribeiro — autor de *Sargento Getúlio* escreve para não ficar louco”. Caderno B, 31 jul. 1978.
- GONÇALVES, Roberto. “João Ubaldo: ‘Meu livro não é um comício, é um romance’”. 4 ago. 1979.
- HELENA, Lúcia. “Admirável mundo, o do povo”. 15 dez. 1984.
- MARTINS, Wilson. “A matéria brasileira (I)”. 11 mai. 1985.
- _____. “A matéria brasileira (II)”. 11 mai. 1985.
- MONTEIRO, Elis. “Livro eletrônico desponta como nova opção de leitura”. Caderno B, 25 mai. 2000.
- MORAES NETO, Geneton de (entrevista). “A odisséia do lobo da ilha — João Ubaldo Ribeiro traduz *Viva o povo brasileiro* para o inglês e prepara um novo romance, *O sorriso do lagarto*”. Caderno Idéias, 28 nov. 1987.
- NÃO ASSINADO. “O Brasil de Ubaldo em francês”. Livro, Caderno B, 4 set. 2005.
- _____. “Jorge Amado — Acima do bem e do mal / Jorge é amado — O trigésimo livro de Jorge Amado, mais uma peça de seu inesgotável retrato do Brasil, vem respaldado por uma onda de declarações de amor ao escritor”. Caderno Idéias, 29 out. 1988.
- _____. “O que há para ler”. Ficção, 21 jun. 1975.
- _____. “*Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro — sucesso de crítica nos Estados Unidos, mas pouco conhecido no Brasil”. Livro, 3 jun. 1978.
- _____. “Ubaldo lança livro a R\$ 4 na Internet”. Caderno B, 18 mai. 2000.
- _____. “Um na Bahia”. Set. 1968.
- OLIVEIRA, José Carlos. “Isto e aquilo”. Caderno B, 26 set. 1979.
- OLIVEIRA, Nelson de. “Credibilidade perdida”. Caderno Idéias, 25 jun. 2005.
- PÓLVORA, Hélio. “Grande romance: caminhos e veredas”. Caderno B, 22 out. 1973.
- PONTES, Mario. “As provetas do diabo — no novo livro de João Ubaldo Ribeiro acontecimentos insólitos criam um clima de angústia e denunciam a presença do Demônio na tranqüila ilha de Itaparica”. Caderno Idéias, 4 nov. 1989, p. 6-9. Esta matéria também foi publicada no Caderno Dois, **O Liberal**, Belém, PA, na mesma data.
- _____. “Epopéia no sertão”. 4 ago. 1979, p. 3.

PONTUAL, Roberto. “Alice Raillard — Nacionalidade: francesa, Profissão: tradutora, Especialidade: literatura brasileira contemporânea”, Caderno B, 14 fev. 1981.

PORTO, Juarez. “XI Festival de Cinema de Gramado — A Mostra chega ao fim com o público decepcionado”. 26 mar. 1983.

SCHILD, Susana. “Sargento Getúlio, repressão e poder”. Caderno B, 29 mai. 1983.

WYLLER, Vivian. “João Ubaldo Ribeiro e o último dos livros que ‘tem’ de escrever”. 30 set. 1983.

_____. “Para os amigos no Natal, o melhor de 1979”. 15 dez. de 1979. Depoimento de Antônio Torres.

- **Jornal do Comércio (Rio de Janeiro, RJ):**

BRASIL, Ubiratan. “Confissões de um padre amoral em *Diário do farol* — Novo romance de João Ubaldo Ribeiro provoca o leitor com prosa irascível”. 31 mar. 2002.

MATTOSO, Chico. “Novo romance de João Ubaldo Ribeiro”. Livro, 27 nov. 2000.

- **Lector:**

VASSALO, Márcio. “A palavra é imortal — João Ubaldo Ribeiro aponta preconceito intelectual contra o humorismo e diz que escrever é um ato tão íntimo quanto fazer sexo” / “O *chef* das palavras e o tempero do pensamento — um dos autores mais traduzidos do Brasil, João Ubaldo Ribeiro mostra os ingredientes de uma conversa que alimenta a alma”, ano III, nº 24, 1997, p. 8-9.

- **Leia (São Paulo, SP):**

PESSOA, Isa. “O que é que o baiano tem? — O autor de *O sorriso do lagarto* fala sobre política, vida literária e declara que vai trocar Itaparica por Berlim”. Dez. 1989, p. 3-7.

- **Luta Democrática:**

NÃO ASSINADO. “*Sargento Getúlio*: o cenário nordestino de um drama universal”. 15 abr. 1983, p. 3.

- **Manchete (Rio de Janeiro, RJ):**

RIBEIRO, João Ubaldo. “Os baianos”. Texto sem data.

SÉRGIO, Renato. “João Ubaldo Ribeiro — Um *best seller* desabafa: ‘A qualidade de vida das grandes cidades não me diz nada’”. 19 out. 1985.

- **Nas Bancas (Rio de Janeiro, RJ):**

KONDER, Leandro. “Viva o povo brasileiro”. 3 out. 1985.

- **O Estado de S. Paulo (São Paulo, SP):**

ANTONIO, João. “A falsa fama do bom baiano João Ubaldo”. 14 out. 1986.

BRASIL, Ubiratan. “Anjos de Mario Prata invadem Internet — Escritor inicia amanhã produção de novo livro, ao vivo pela rede mundial”, com o “olho” da matéria: “João Ubaldo produz livro eletrônico”. Caderno 2, 23 mai. 2000, p. D-7.

_____. “Ubaldo revela detalhes da crueldade religiosa em *Diário do farol* — em seu mais recente romance, nas livrarias a partir de segunda-feira, o escritor e colunista do *Estado* choca com o relato confessional de um padre amoral e inescrupuloso e diz que sua intenção é refletir, com base na filosofia, sobre os precários limites entre bem e mal” / “‘Não sou anti-clerical’, garante Ubaldo — O escritor não quer ser confundido com o padre de *Diário do farol*, que peca em profusão e ridiculariza os atos católicos”. Caderno 2, 16 mar. 2002, p. D-1 e D-3.

GIRON, Luís Antônio. “Itaparica, o sorriso de João”. 8 mai. 1988.

HELENA, Lúcia. “*Viva o povo brasileiro* — a questão do nacional e do popular”. 17 fev. 1985, p. 10.

MARETTI, Eduardo. “Ciências *versus* religião na Bahia de João Ubaldo”. Caderno 2, *Leitura*, 16 nov. 1989, p. 4.

MARINHO, Beatriz. “João Ubaldo Ribeiro — profissão: escritor”. 30 jun. 1990.

MIRANDA, Adalmir da Cunha. “Reunião”. *Crônica de Salvador*, 6 mai. 1961.

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo às voltas com mil páginas”. 11 set. 1983.

_____. “João Ubaldo Ribeiro, história e ótica popular”. 12 abr. 1985.

NÉSPOLI, Beth (entrevista). “João Ubaldo cria ilha em cobertura do Rio — o escritor está finalizando seu novo romance, *O feitiço da ilha do Pavão*, que deve ser lançado no fim do ano, enquanto o cineasta André de Oliveira cuida da versão de *Viva o povo brasileiro* para o cinema”. *Personalidade*, Caderno 2, 15 out. 1997, p. D-5.

ORICCHIO, Luiz Zanin. “Filme deverá estreiar no ano 2000 — plano é lançá-lo durante as comemorações dos 500 anos do Descobrimento” / “Livro é universal, mas conserva o ‘sabor local’”. Caderno 2, 15 out. 1997, p. D-5.

RATTNER, Jair. “Livro de Ubaldo é vetado em Portugal — Dois supermercados recusam-se a vender *A casa dos Budas ditosos* por razões morais”. Trata-se de matéria publicada provavelmente no jornal **O Estado de S. Paulo**, em 4 dez. 1999.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. “Ubaldo eletrônico é lançado como livro de verdade — *Miséria e grandeza do amor de Benedita*, pouco vendido na rede, chega às livrarias”. Caderno 2, Cultura, 4 dez. 2000, p. D-2.

_____. “Ubaldo eletrônico é simples e saboroso — *Miséria e grandeza do amor de Benedita* funciona no computador”. Caderno 2, Cultura, 16 jul. 2000, p. D-10.

SILVA, Beatriz Coelho. “Colunista João Ubaldo lança livro na Internet” / “João Ubaldo lança novo livro pela Internet — Primeiro lançamento virtual da Nova Fronteira só terá edição em papel dentro de um ano”. 18 mai. 2000.

- **O Estado do Paraná (Curitiba, PR):**

NÃO ASSINADO. “O cáustico e brasileiro humor do baiano Ubaldo”. 30 dez. 1984.

- **O Globo (Rio de Janeiro, RJ):**

ALVES, Márcio Moreira. “Ler por prazer”. 25 dez. 1997.

APOLINARO, Sonia. “Livro de João Ubaldo pede passagem e sai na Passarela”. Segundo Caderno, 13 jul. 1986.

COSTA, Cecília. “A temível marca da maldade de João Ubaldo — Escritor baiano acaba de lançar seu *Diário do farol* sobre um padre assassino, sexualmente perverso e torturador”. Segundo Caderno, 18 mar. 2002.

_____. “Polêmica sobre luxúria leva Ubaldo a Portugal — Escritor brasileiro lançará no Porto e em Lisboa *A casa dos Budas ditosos*, enfrentando os supermercados”. Segundo Caderno, 16 jan. 2000.

HENRIQUE, Cláudio. “O que é que o baiano tem?”. Livros, 2 fev. 1992, p. 5.

JOSEF, Bella. “Dialética irônica”. 7 jun. 1987.

MILLEN, Mânia. “Uma ilha chamada Brasil — o novo romance de João Ubaldo retrata o país misturando utopia e realidade”. Prosa & Verso, 22 nov. 1997.

NAME, Daniela. “As ilhas de Ubaldo — *O Globo* publica trecho do novo livro do autor, que terá a obra reeditada e adaptada para a TV” / “Adaptação de *Povo brasileiro* será rodada em 99 — diretor manterá no filme o linguajar de Itaparica e Mar Grande descrito pelo autor na obra que conta 300 anos de História” / “Escritor comenta sua obra livro a livro”. Segundo Caderno, 3 ago. 1997.

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo lança seu primeiro e-book — Editora fecha contrato para venda exclusiva através da *Submarino*”. Segundo Caderno, 18 mai. 2000.

NASCIMENTO, Esdras do. “Diabo ronda as devotas de Itaparica — João Ubaldo escreve deliciosa comédia de costumes para a Internet”. Prosa & Verso, 29 jul. 2000.

PONTES, Mário. “João Ubaldo — O sertão e sua gente segundo um bem sucedido contador de histórias”. 15 mar. 1981.

PORTINARI, Maribel. “*Sargento Getúlio*: a epopéia sergipana do capanga e seu prisioneiro estréia hoje no Rio”. 30 mai. 1983.

QUADROS, Maria José. “Por João Ubaldo, uma história com agá minúsculo do povo do Recôncavo”. Segundo Caderno, 3 nov. 1984.

RIBEIRO, João Ubaldo. “Acho que venho falhando”. Texto sem data.

_____. “Jorge Amado e eu”. 12 ago. 2001.

TEIXEIRA, José Carlos. “João Ubaldo: a partir da calma de Itaparica, a longa marcha do povo brasileiro”. 7 set. 1983.

TOGNOMI, Rení & MILLEN, Mânia. “A hora do *e-book* — Mário Prata se junta a Ubaldo na onda do livro eletrônico”. Segundo Caderno (capa), 26 mai. 2000.

TRIGO, Luciano. “O sargento jagunço e assassino que iniciou João Ubaldo na literatura”. Prosa & Verso. Texto sem data.

- **O Popular (Goiânia, GO):**

MARIA, Gêza. “João Ubaldo Ribeiro faz da hipocrisia tema de novo romance — O escritor completa 60 anos comemorando o sucesso do *e-book* que chega à versão tradicional pela Nova Fronteira”. Literatura, Caderno 2, 23 jan. 2001.

TIMM, Nádía. “Shakespeare com sotaque baiano”. Magazine, 14 mai. 2002.

- **O Povo (Fortaleza, CE):**

LEITE FILHO, Rogaciano. “*Sargento Getúlio*, e o Nordeste vivo”. Caderno 2, 21 jul. 1982.

NÃO ASSINADO. “Concursos analisaram o reconhecimento individual”. 20 jul. 1982.

PERES, Ana Cláudia. “O mau pastor — João Ubaldo Ribeiro acaba de lançar *Diário do farol*, romance sobre a vida de um pároco auto-exilado em uma ilha deserta que resolve passar a limpo toda a sua existência. Ao longo de mais de 300 páginas, o leitor é confrontado com uma realidade na qual não existe nem o Bem nem o Mal. O Vida&Arte teve uma conversa rápida com o autor”. Vida&Arte, 13 mai. 2002.

- **Pasquim (Rio de Janeiro, RJ):**

JAGUAR; VITA, Fernando; BARROS, Fernando de; CARDOSO, Haroldo; OLIVEIRA, André Luiz (entrevista). “Pasquim vai à Itaparica entrevistar João Ubaldo. Muito riso e pouca literatura” e “Diretamente da ilha de Itaparica, com exclusividade: *O sorriso do lagarto*”, ano XXI, nº 1029, 23 nov. 1989, p. 6-10.

- **Rio Artes (Rio de Janeiro, RJ):**

FONTES, Lilian. “Do jeito que o povo gosta — nem mesmo a recente posse na Academia Brasileira de Letras pode modificar o jeito descansado, baiano de João Ubaldo, autor de romances e contos por onde desfilam tipos e histórias do povo brasileiro”. Perfil, ano 3, nº 14, 1994, p. 12-13.

- **Siga:**

NÃO ASSINADO. “Um ano bem brasileiro”. Livros, dez. 1984. Matéria: “Viva o povo brasileiro”.

- **Suplemento Literário (Belo Horizonte, MG):**

MOURÃO, Cleonice. “O silêncio da ideologia em Sargento Getúlio”, nº 624, 16 set. 1978.

- **Tribuna da Bahia (Salvador, BA):**

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo faz hora extra na Ilha”. Gente na intimidade, 6 nov. 1988.

RIBEIRO, João Ubaldo. “Novenário do malpensar e da mistificação”. 2º Caderno, 16 nov. 1977, p. 9.

_____. “Porque Jorge Amado não pode ganhar o prêmio Nobel”. 29 ago. 1974.

- **Tribuna da Imprensa (Rio de Janeiro, RJ):**

CARDOSO, Beatriz. “O que sei é que começo pelo título”. Tribuna Bis, 11 ago. 1986.

FERNANDES, Fábio. “O feitiço do escritor de Itaparica — Último livro de João Ubaldo Ribeiro é uma admirável fantasia sobre a História do Brasil”. Tribuna BIS, 21 nov. 1997.

- **Última Hora (Rio de Janeiro, RJ):**

PEREIRA, José Mário. “O romance maior de João Ubaldo”. No mundo dos livros, 5 jun. 1982.

- **Veja (São Paulo, SP):**

CONTI, Mário Sérgio (entrevista). “Um brado retumbante — No romance *Viva o povo brasileiro*, João Ubaldo recria mais de 300 anos de história”. Livros, 19 dez. 1984, p. 109-110.

MAINARDI, Diogo. “Nunca aconteceu antes... — João Ubaldo Ribeiro escreve sobre a luxúria — e falha miseravelmente”. 5 mai. 1999.

MARTHE, Marcelo. “Novela no monitor. Com João Ubaldo Ribeiro, a literatura brasileira entra na era do *e-book* — o livro virtual”. 24 mai. 2000, p. 150-151.

NÃO ASSINADO. “Ninho de répteis — João Ubaldo Ribeiro combina traição, vingança e visitas do demônio no ótimo *O sorriso do lagarto*”. Livros, 22 nov. 1989, p. 143-144.

POMPEU, Renato. “Alta tensão”. 18 jul. 1979.

- **Zero Hora (Porto Alegre, RS):**

GUTKOSKI, Cris. “O cinismo é para o seu bem — O novo romance de João Ubaldo Ribeiro, *Diário do farol*, embaralha a moralidade das instituições”. Segundo Caderno, 1 abr. 2002.

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo lança livro virtual — Romance estará à venda em junho na Internet e em 2001 nas livrarias”. Segundo Caderno, Cultura, 19 mai. 2000, p. 10.

INTERNACIONAIS (PORTUGAL):

- **24 Horas:**

ANDRADE, Elsa. “A censura foi a melhor promoção — Último livro de João Ubaldo Ribeiro proibido em dois hipermercados / *A casa dos Budas ditosos* poderia ter sido apenas mais um livro do escritor brasileiro. Mas o rótulo de pornográfico com que foi classificado transformou-o num campeão de vendas”. Cultura e Espectáculos, 23 jan. 2000.

- **A Capital:**

JEREMIAS, Luísa. “Mulher é igual a homem — O escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro está em Lisboa a (re)lançar o seu último trabalho, *A casa dos Budas ditosos*, livro com venda proibida em dois hipermercados portugueses por ‘ofender a moral pública’”. 18 jan. 2000.

- **Continente:**

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo Ribeiro, o mal com sotaque baiano — o autor fala das influências autobiográficas de seu novo livro, da imagem e da

profissionalização do escritor”. *Literatura, Entrevista*, ano II, nº 18, jun. 2002, p. 40-47.

- **Correio da Manhã:**

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo Ribeiro e os dias da polêmica”. 18 jan. 2000.

- **Diário de Notícias:**

CACHAPA, Possidónio. “Viva a luxúria — Polémico em Portugal, um sucesso de vendas certo, *A casa dos Budas ditosos* é uma variação sobre o pecado de ‘acamar’. Delicioso às vezes, enumerativo, apenas, outras. As mais das vezes, divertido”. *Livros, DNA*. Texto sem data, p. 56.

CAETANO, Maria João. “‘Portugal não é nenhum convento’ — Autor de *A casa dos budas ditosos*, Ubaldo Ribeiro, está em Portugal e agradece aos supermercados a publicidade gratuita”. *Artes e Multimídia*, 18 jan. 2000.

CRUZ, Marcos. “Sexo forte”. 4 jun. 2004, p. 48.

HORTA, Maria Teresa (entrevista). “Acho-me um bom pornógrafo”. *Artes e Multimídia*, 22 jan. 2000.

NÃO ASSINADO. “Miséria e grandeza do amor...”. *Livros (notas), Estante, DN Magazine*, 26 set. 2002, p. 44.

REGO, Miguel. “Livros em hipermercados”. *Meu caro DN, Seção de cartas dos leitores*, 16 dez. 1999, p. 20.

- **Diário Económico:**

GUERRA, João Paulo. “Exame prévio”. *Coluna Vertebral*, 29 nov. 1999.

NÃO ASSINADO. “Ubaldo Rodrigues [sic] relançou livro proibido”. 27 jan. 2000.

- **Focus:**

FERNANDES, Ferreira. “Ubaldo das bundas ditosas — Apesar de censurado, João Ubaldo Ribeiro é um escritor bendito. Lê-lo é um prazer, mesmo quando é prazer demais”, nº 13, 17 jan. 2000, p. 90-92.

RISCO, António. “Casino”. *Crônicas de António Arisco*, 24 jan. 2000.

- **Grande Reportagem:**

NÃO ASSINADO. “A casa dos Budas ditosos, João Ubaldo Ribeiro”. Jan. 2000.

- **JL - Jornal de Letras, Artes e Ideias:**

FURTADO, José Afonso. “Literatura digital: o futuro do livro” e “e-Ubaldo” (box) — “O último livro do brasileiro João Ubaldo Ribeiro (...) está à venda na Internet e ainda não foi editado em papel. O primeiro

capítulo é gratuito, os outros a pagar. O **JL** conversou, por correio electrónico, com este pioneiro da literatura digital e com o seu editor Carlos Augusto Lacerda, sobre estes sinais dos tempos”. Tema, 14 jun. 2000, p. 12-13.

GARCIA, Irineu. “João Ubaldo Ribeiro: aboio alucinante”. Zona Tórrida, nº 61, 21 jun. a 4 jul. 1983, p. 13.

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo Ribeiro — Os Budas Ditosos”, nº 878, 26 mai. 2004, p. 41.

_____. “O primeiro e-book lançado no Brasil surge agora em edição portuguesa”, Livros, Ficção / “Ubaldo”. 15 mai. 2002, p. 24.

PACHECO, Fernando Assis. “João Ubaldo Ribeiro: histórias de riso, lágrimas e fantasia”, ano II, nº 48, 21 dez. a 3 jan. 1983.

RIBEIRO, João Ubaldo. “Explicação de Glauber Rocha”, ano 1, nº 14, 1 a 14 set. 1981.

VASCONCELOS, José Carlos de. “Do Brasil para Portugal — Falando em português”. 5 fev. 2003, p. 21.

_____. “Viva o povo brasileiro e... João Ubaldo Ribeiro — Que um dos mais espantosos livros da literatura portuguesa publicado nos últimos anos, saído no Brasil há cerca de um ano, tenha passado basicamente despercebido e sem referências no nosso país, é um dos muitos e indesmentíveis sinais de que os dois países de cada um dos lados do Atlântico, irmãos para efeitos dos discursos de pompa ou circunstância, continuam de costas voltadas um para o outro, até naquilo que mais os deveria unir: a língua viva da sua gente e dos seus escritores, a arte e a cultura”. Romance, 4 fev. 1986, p. 4.

_____. (entrevista). “João Ubaldo Ribeiro — O feitiço da escrita”, ano XIX, nº 743, 24 mar. a 6 abr. 1999, p. 9-12.

- **Jornal de Matosinhos:**

SANTOS, Manuel Augusto dos. “Um serão com o autor do livro das bu(n)das apetitosas / ‘Seu’ João Ubaldo: um cara legal”. 4 fev. 2000.

- **Jornal de Notícias:**

ALMEIDA, Sérgio. “A feliz desdita de ‘seu’ Ubaldo — Escritor brasileiro encerrou périplo português no Porto, grato aos censores dos ‘hipers’ pelo sucesso do seu livro”, JN Cultura, 22 jan. 2000.

CARVALHO, Lima de. “João Ubaldo promove seus ‘Budas Ditosos’ — Livro que hipermercados portugueses vetaram está no top há 40 semanas e a multiplicar o número de fãs do escritor”. 16 jan. 2000.

- **Letras e Artes:**

AMADO, Jorge. “Romancista maior”. 11 e 12 dez. 1971.

- **Letras & Letras:**

DIAS, Domingos de Oliveira (EUA). “Do Brasil... e de Portugal — ouvindo João Ubaldo Ribeiro”, n° 12, 1 dez. 1988. Sobre palestra de João Ubaldo no Centro de Estudos Luso-Brasileiros da Universidade de Brown.

- **Publicação VIP:**

NÃO ASSINADO. “Ubaldo Ribeiro, o polêmico — Escritor brasileiro lança *A casa dos Budas ditosos* no Casino do Estoril”. 25 jan. 2000.

- **Público:**

COELHO, Alexandra Lucas. “Polêmica em torno do romance de João Ubaldo Ribeiro. Foi você que pediu um *best seller*? Este livro vai bem com doces de Natal? Duas cadeias de hipermercados acham que não. O editor acha que é censura. O autor, João Ubaldo, diz que ‘quem tem boca diz o que quer’. Ele escreveu o que quis. Pornográfico? Decida o leitor”. 1 dez. 1999.

COUTINHO, Isabel. “Romance electrónico de João Ubaldo Ribeiro”. *Ciber-Escritas*, 24 jun. 2000.

- **Tal & Qual:**

NÃO ASSINADO. “Moralistas — O centro comercial Amoreiras retirou o seu cartaz de natal por pressão de um grupo de católicos; duas cadeias de hipermercados recusaram-se a vender um livro erótico; uma exposição de fotografias provocou um escândalo em Lisboa. Saudades da censura?”. 10 dez. 1999.

- **Visão:**

LUÍS, Sara Belo. “Oito dias em Portugal — Um escritor em fanicos — João Ubaldo Ribeiro voltou ao país onde viveu há 20 anos, e esteve quase a cometer um crime. Por exaustão”, n° 359, 27 jan. a 2 fev. 2000.

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo ‘ditoso’ em Portugal”. 20 jan. 2000.

_____. “Livro proibido: O pecado da luxúria — Três redes de hipermercados recusaram, por ‘imoral’, o último livro de João Ubaldo Ribeiro. A reacção do autor”. *Cultura*, n° 351, 2 a 8 dez. 1999.

SEM REFERÊNCIA:

BRITO, Reynivaldo. “João Ubaldo Ribeiro”. 12 jan. 1985.

- GOULART, José Alípio. “Setembro não tem sentido”. Coluna Literária, 7 set. 1968.
- HENRIQUE, Luis. “Reunião hoje”. Cidade, Homens e Bichos, 7 mar. 1961.
- MAIA, Vasconcelos. “Viagem para o Rio”. Dia Sim, Dia Não, 23 set. 1959.
- MOURA, Vasco Graça & ALEGRE, Manuel. “Editores não vão sentir-se condicionados” *versus* “Está em causa a liberdade de comprar e ler”, em “Vice-Versa: caso Ubaldo: um Index nos Hipermercados?”. Portugal.
- NÃO ASSINADO. “João Ubaldo Ribeiro, *Setembro não tem sentido*”. Portugal.
- _____. “João Ubaldo Ribeiro: ‘Nada do que é humano me é estranho’”.
- _____. “João Ubaldo Ribeiro: censura nos hipermercados?”. 7 dez. 1999.
- _____. “Ludmila Novikov [sic], tradutora russa de *Sargento Getúlio*”. 7 abr. 1985.
- OLIVEIRA, Adelmo. “Reunião: nova posição da literatura na Bahia”.
- SILVA, João Cândido da. “Um dia a casa vem abaixo”. Portugal, dez. 1999.

INTERNACIONAIS (OUTROS):

- **Atlantic City Press:**

MERKOSKI, Paul. “*Beware hired killer: you’re on his side*”. Atlantic City, 2 abr. 1978.

- **Atlantic Monthly:**

NÃO ASSINADO. “*Sergeant Getúlio, by João Ubaldo Ribeiro*”. Texto sem data.

- **Brary Journal:**

NÃO ASSINADO. “*Sergeant Getúlio, by João Ubaldo Ribeiro*”. 15 jan. 1978.

- **Chicago:**

NÃO ASSINADO. “*Sergeant Getúlio, by João Ubaldo Ribeiro*”. Booklist, 15 fev. 1978.

- **Chicago Tribune:**

CHRISTENSEN, Thomas. “*Brazilian saga — A nation’s soul portrayed on a vast fictional canvas*”. 4 abr. 1989.

WALSTEN, Dave. “*A memorable month in the hinterland*”. Chicago, 29 jan. 1978.

- **Contemporary Authors:**

NÃO ASSINADO. “João Ubaldo Ribeiro”. 1978.

- **Daily Cougar:**

ATKINSON, John. “*Sergeant Getúlio, by João Ubaldo Ribeiro*”. 21 abr. 1978.

- **Los Angeles Time:**

CHEUSE, Alan. “*Repulsion / attraction from Brazil*”. Texto sem data.

- **N. Y. Trib.:**

OFFIT, Sidney. “*Latin Tour de Force*”. Nova Iorque, 9 mar. 1978.

- **Newsweek:**

PRESCOTT, Peter S. “*A Good Barbarian*”. 30 jan. 1978.

- **Providence Sunday Journal:**

COALE, Sam. “*Story of a hired Brazilian gunman*”. San Gabriel, 26 mar. 1978.

- **Review:**

STONE, Judy. “*Multicolored Brazilian History*”. 30 abr. 1989.

- **Seattle Times:**

FRANE, Jeff. “*A portrait of a brutal man*”. 9 abr. 1978.

- **State News:**

THOMAS, Reginald. “*Sergeant Getúlio fine*”. Michigan State University, Michigan, 5 abr. 1978.

- **The Boston Phoenix:**

COHEN, Stu. “*A tale of virtue from Brazil — Ribeiro’s Getúlio: Sympathy for the Sergeant in rich, fantastical language*”. Boston, 6 jun. 1978.

- **The New York Times:**

MORRIS, Mary. “*E Pluribus Brazil*”. Nova Iorque, 16 abr. 1989.

SOLOMON, Barbara Probst. “*Dupes of Authority*”. Nova Iorque, 9 abr. 1978, p. 11 e 30.

- **The Observer:**

MORRISON, Blake. “*Love among fossils*”. Fiction, 16 mar. 1980.

- **The Reviews:**

NÃO ASSINADO. “*Sergeant Getúlio, by João Ubaldo Ribeiro*”. 15 nov. 1977.

- **The San Diego Union Books — A Monthly Journal of News, Reviews and Features:**

SCOTT, Otto J. “*Rufian speaks his mind*”. San Diego, California, 19 mar. 1978.

- **The Times:**

FEINSTEIN, Adam. “*No nobody he*”. Literary Supplement, Londres, 13 jun. 1980.

RIBEIRO, João Ubaldo. “*Suffering in translation*”. TLS — The Times Literary Supplement, Londres, 17 a 23 nov. 1989.

- **The Washington Post:**

ROHTER, Larry. “*A tale that reads like a western and entertains like a classic comedy*”. Book World, Washington D. C., 9 mar. 1978.

- **TWQ, Third World Quarterly:**

SCHELLING, Vivian. “*Sergeant Getúlio*”. Brazilian Journeys, jan. 1988.

- **World Literature Today: A Literary Quarterly of the University of Oklahoma:**

LARIOS, Luis (University of Arizona). “*Sergeant Getúlio, by João Ubaldo Ribeiro*”. 1979.

SEM REFERÊNCIA:

LEXTON, Maria. “*João Ubaldo Ribeiro’s An Invincible Memory, Preview Books — The best of this week’s new books in hardback and paperback*”.

SANDERS, Scott. “*Three new novels hunt for a code of morals*”. 4 mai. 1978.

STUART, Francis. “*South of the Border*”. Francis Stuart on Recent Fiction. 21 fev. 1980.

SWIGART, Rob. “*A farago of recommended fiction*”.

YGLESIAS, Jose. “*Sergeant Getúlio, by João Ubaldo Ribeiro*”.

8.2.3. ESTUDOS CITADOS SOBRE O NARRADOR

BOOTH, Wayne C. *The Rhetoric of Fiction*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1961.

- CHATMAN, Seymour. *Coming to Terms — The Rhetoric of Narrative in Fiction and Film*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1990.
- FERNANDES, Ronaldo Costa. *O narrador do romance — E outras considerações sobre o romance*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- LEITE, Ligia Chiappini Moraes. *O foco narrativo — ou a polêmica em torno da ilusão*. 10ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. 7ª ed. Coimbra: Almedina, 2002.
- REIS, Carlos. *Estatuto e perspectivas do narrador na ficção de Eça de Queirós*. Coimbra: Almedina, 1975.
- ROSSUM-GUYON, Françoise. “Domínio alemão”. In: ROSSUM-GUYON, Françoise Van; HAMON, Phillipe & SALLENAVE, Daniëlle. *Categorias da narrativa*. Lisboa: Coleção Vega Universidade, s/d.
- TACCA, Oscar. *As vozes do romance*. Trad. Margarida Coutinho Gouveia. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

8.2.4. DEMAIS LIVROS E TEXTOS CITADOS

- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética — A teoria do romance*. Trans. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. São Paulo: Hucitec, 1993.
- BARTHES, Roland. “Introdução à análise estrutural da narrativa”. In: VÁRIOS AUTORES. *Análise estrutural da narrativa — Pesquisas semiológicas* (Seleção de ensaios da revista **Communications**). Série “Novas Perspectivas em Comunicação”. Intr. à edição bras. Milton José Pinto. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1971, p. 18-58.
- _____. *A câmara clara — Notas sobre a fotografia*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *O grau zero da escrita*. Coleção “Signos”. Lisboa: Edições 70, 1984.
- _____. *O rumor da língua*. Trad. António Gonçalves. Coleção “Signos”. Lisboa: Edições 70, 1984.
- BATELLA, Juva. *Quem tem medo de Campos de Carvalho?* Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.
- BENCHLEY, Peter. *Tubarão*. 2ª ed. Trad. de A. B. Pinheiro de Lemos. São Paulo: Círculo do Livro. 1975.

- BRADBURY, Malcolm. *O mundo moderno — Dez grandes escritores*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. 7ª ed. (1ª edição: 1965). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CARDOSO, Marília Rothier. “Reciclando o lixo literário: os arquivos de escritores”. In: VÁRIOS AUTORES. **Palavra** nº 7. Revista do Departamento de Letras. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, PUC-Rio, 2001, p. 68-75.
- _____. “Retorno à biografia”. In: OLINTO, Heidrun Krieger & SCHOLLHAMER, Karl Erik (orgs.). *Literatura e Mídia*. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2002, p. 112-140.
- CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. Trad. Fernando Albagli, Benjamin Albagli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- CHIAVENATO, Julio José. *Genocídio americano: a Guerra do Paraguai*. 21ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CORTÁZAR, Julio. *Histórias de Cronópios e de famas*. Trad. Gloria Rodríguez. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1972.
- COSTA E SILVA, Alberto da. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Editora da UFRJ, 2003.
- COSTA LIMA, Luiz. *Sociedade e discurso ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
- CUNHA, Euclides da. *Os sertões — Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.
- DABEZIES, André. “Mitos primitivos a mitos literários”. In: BRUNEL, Pierre (org.). *Dicionário de mitos literários*. 2ª ed. Trans. Carlos Sussekind, Jorge Laclette, Maria Thereza Rezende Costa e Vera Whately. Prefácio de Nicolau Sevcenko. Rio de Janeiro: José Olympio, Editora UnB, 1998, p. 730-736.
- ECO, Umberto. *Obra aberta — Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad. Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- FINAZZI-AGRÒ, Ettore. “A identidade devorada — Considerações sobre a antropofagia”. In: ROCHA, João Cezar de Castro (org.); ARAUJO, Valdeci Lopes de (colab.) & OUTROS. *Nenhum Brasil existe — Pequena Enciclopédia*. Rio de Janeiro: TopBooks, Universidade do Estado do Rio de Janeiro e UniverCidade Editora, 2003, p. 615-626.
- FOUCAULT, Michel. “O que é um autor?” (1969). In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). *Michel Foucault — Estética: literatura e pintura, música e*

cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Coleção “Ditos & Escritos”, vol. III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001, p. 264-298.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Introdução”. In: CUNHA, Euclides da. *Os sertões — Campanha de Canudos*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980, p. IX-X.

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O Brasil Best Seller de Jorge Amado — Literatura e identidade nacional*. São Paulo: Senac Editora, 2003.

HOMERO. *A Ilíada*. 2ª ed. Trad. Cascais Franco. Portugal: Publicações Europa-América, s/d.

JOYCE, James. *Ulisses*. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. *Um retrato do artista quando jovem*. Trad. Bernardina da Silveira Pinheiro. São Paulo: Siciliano, 1992.

KUSHNIR, Karina. “Literatura e identidade nacional”. In: VELHO, Gilberto (org.). *Revista de Cultura Brasileira*, nº 1. Embajada de Brasil en España, mar. 1998, p. 259-276.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance — Um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica*. Trad., prefácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. Coleção “Espírito Crítico”. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária — Enunciação, escritor e sociedade*. Leitura e crítica. Trad. Marina Appenzeller, rev. da trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARÍAS, Javier. *Literatura e fantasma*. Trad. Francisco Vale. Coleção “À volta da Literatura”. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1998.

MERQUIOR, José Guilherme. “Situação do escritor”. In: MORENO, César Fernández (coord. e introd.). *América latina em sua literatura*. Série Estudos, nº 52. São Paulo: Perspectiva, 1979 (Unesco, 1972), p. 383-399.

NEGREIROS, Joaquim Trigo de. *Fantasma ao espelho — Modos de auto-representação dos jornalistas*. Jornalismo. Coleção “Comunicação”. Coimbra: MinervaCoimbra, 2004.

POUND, Ezra. *ABC da literatura*. Org. e apresent. da ed. bras. CAMPOS, Augusto de. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1989-90.

- PRADO JÚNIOR, Caio. *Formação do Brasil contemporâneo — Colônia*. 23ª ed. 6ª reimpressão (1ª ed. 1942). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- REUTER, Yves. *Introdução à análise do romance*. Leitura e Crítica. Trad. Angela Bergamini, Milton Arruda, Neide Sette, Clemence Jouët-Pastré. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- RIVAS, Pierre (Université Paris 10). “Fortuna e infortúnios de Jorge Amado (recepção comparada da obra amadiana)”. In: OLIVIERI-GODET, Rita & PENJON, Jacqueline (orgs.). *Jorge Amado: leituras e diálogos em torno de uma obra*. Salvador, Bahia: Casa de Palavras, Fundação Casa de Jorge Amado, 2004, p. 13-43.
- RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- ROTH, Philip. *A marca humana*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. “Democratização no Brasil — 1979-1981 (Cultura versus Arte)”. In: ANTELO, Raul; CAMARGO, Maria Lúcia de Barros; ANDRADE, Ana Luiza & ALMEIDA, Tereza Virgínia de (orgs.). *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: Letras Contemporâneas e ABRALIC — Associação Brasileira de Literatura Comparada, 1998, p. 11-23.
- _____. *Vale quanto pesa — Ensaio sobre questões político-culturais*. Coleção “Literatura e Teoria Literária”. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. “Estados da forma”. In: VÁRIOS AUTORES. *Revista de Estudos Literários — Ipotese* —, da Universidade Federal de Juiz de Fora, v. 3, nº 2, jul.-dez. 1999, Juiz de Fora, EDUFJF, 1999. p. 83-88.
- _____. *Para uma teoria da interpretação — Semiologia, literatura e interdisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- SCHLAEGER, Jürgen. “Biography: Cult as Culture”. In: BATCHELOR, John (ed.). *The Art of Literary Biography*. Oxford, Clarendon Press, 1995, p. 57-71.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. “Estudos Culturais — Os novos desafios para a teoria da literatura”. In: VÁRIOS AUTORES. *Anais do 6º Congresso Abralic — Literatura Comparada igual a Estudos Culturais?* Florianópolis, 1998.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. Trad. Millôr Fernandes. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998.

- SOUZA, Eneida Maria de. “Madame Bovary somos nós”. In: BARTUCCI, Giovanna (org.). *Psicanálise, literatura e estéticas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Imago, 2001, p. 129-143.
- _____. “Males do arquivo”. In: MARQUES, Reinaldo & BITTENCOURT, Gilda Neves (orgs.). *Limiares críticos — Ensaios de literatura comparada*. Belo Horizonte: Instituto de Letras UFRGS, Curso de Pós-Graduação em Estudos Literários, Autêntica, 1998, p. 81-88.
- _____. “Notas sobre a crítica biográfica”. In: PEREIRA, Maria Antonieta & REIS, Eliana Lourenço de L. (orgs.). *Literatura e Estudos Culturais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras de UFMG, 2000, p. 43-51.
- TODOROV, Tzvetan. *Poética da prosa*. Trad. Maria de Santa Cruz. Coleção “Signos” 19. Lisboa: Edições 70, 1979.
- WHITE, Hayden. *Meta-história — A imaginação histórica do século XIX*. Trad. José Laurênio de Melo. São Paulo: Edusp, 1992.
- XAVIER, Ismail. *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. 2ª ed. revisada. Rio de Janeiro: Paz e Terra — Cinema, 1984.

8.2.5. FONTES ELETRÔNICAS CITADAS

- ABL — Academia Brasileira de Letras. Rio de Janeiro. **Disponível em:** <<http://www.academia.org.br/cads/34/joao.htm>>. **Acesso em 30 nov. 2004.**
- AVANTE. Não assinado. “Hipers censuram livro. PCP considera facto preocupante e interpela o Governo”. *Avante!*, nº 1362, 6 jan. 2000. **Disponível em:** <<http://www.pcp.pt/avante/1362/6203e2.html>>. **Acesso em 18 out. 2005.**
- BERND, Zilá. “Identidades compósitas: escrituras híbridas”. *Matraga*, nº 12, 2º semestre, 1999. Apresentado no Congresso da ANPOLL, 12 jun. 1998. **Disponível em:** <<http://www2.uerj.br/~pgletras/revista/zila.htm>>. **Acesso em ago. 2004.**
- BORGES, Jorge Luis. “Boswell — A arte da biografia”. Caderno MAIS!, **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 24 dez. 2000. Série *Borges Professor*. **Disponível em:** <<http://www.uol.com.br/fsp/mais/fs2412200004.htm>>. **Acesso em 6 out. 2005.**
- COSTA, Renata. “Mistério [sic] e grandeza do amor de Benedita”. **Disponível em:** <http://paralela.com.br/pgMain.jhtml?ch=ch10&pg=pg6Hom_1006.html>. **Acesso em 9 jun. 2005.**
- JOACHIM, Sébastien. “Proposta de um estudo pluridisciplinar sobre três ‘literaturas’ em conflito”. Universidade Federal de Pernambuco. INTERCOM — Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da

Comunicação. XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador, BA, 1 a 5 set. 2002. Trabalho apresentado no I Colóquio Interamericano de Ciências da Comunicação Brasil-Canadá, evento componente do XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador, BA, 4 set. 2002. **Disponível em:** http://www.intercom.org.br/papers/2002/coloquio/coloquio_joac_him.pdf. **Acesso em 13 jun. 2005.**

MULLAN, John. “A biografia moderna foi inventada em 1791”. *The Guardian*, 14 jan. 2001. Publicada por *O Estado de S. Paulo*, São Paulo. **Disponível em:** <http://www.estado.com.br/editorias/2001/01/14/cad428.html>. **Acesso em 16 fev. 2004.**

NOVA FRONTEIRA. **Disponível em:** <http://www.novafrenteira.com.br/papo/jubaldo.htm>. **Acesso em ago. 2004.**

O GLOBO. **Disponível em:** <http://www.globo.com/diversaoarte/arquivo/livros/20000523/4kffzp.htm>. **Acesso em 9 jun. 2005.**

OLIVEIRA-JOUÉ, Elisalva. “Identidade mestiça e ilhamento na obra de João Ubaldo Ribeiro”. Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. **Disponível em:** http://www.geocities.com/ail_br/identidademesticaeilhamento.html. **Acesso em 18 out. 2005.**

OLIVIERI-GODET, Rita, Université de Paris 8. “Memória, história e ficção em *Viva o povo brasileiro*, de João Ubaldo Ribeiro”. Sexto Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. **Disponível em:** http://www.geocities.com/ail_br/memoriahistoriaficcaoemviva.html. **Acesso em 18 out. 2005.**

ORACLE ThinkQuest — Education Foundation. “*Relativity in a Wormhole!*” **Disponível em:** <http://library.thinkquest.org/2890/index.htm>. **Acesso em 15 mar. 2005.**

PIRES, Paulo Roberto. “João Ubaldo na rede”. *NO*. **Disponível em:** <http://www.no.com.br>. **Acesso em 18 mai. 2000.**

RELEITURAS — Os melhores textos dos melhores escritores. **Disponível em:** http://www.releituras.com/joao_ubald.htm. **Acesso em ago. 2004.**

RIBEIRO, Manuel. “Narciso Crítico Literário ou o Fascínio da Imagem através do Discurso”. FLUP — Faculdade de Letras da Universidade do Porto. **Disponível em:** http://www.letras.up.pt/upi/ilc/i_info_texts_online_Narciso_Critico.htm. **Acesso em 18 out. 2005.**

ROSALEM, Viviane (entrevista). “‘Escrevo por dinheiro’ — Recuperado da depressão e sem beber, escritor prepara novo livro, diz que gostaria de escrever novelas e lamenta não poder parar de trabalhar”. *Zaz, IstoÉ Gente, IstoÉ*, 22 nov. 1999. **Disponível em:** http://www.terra.com.br/istoegente/16/reportagens/ent_ubaldo.htm. **Acesso em 18 out. 2005.**

SANFORD, John. “Elementary pleasures’ and ‘riskfull thinking’ matter to Gumbrecht”. **Stanford Report**, 17 nov. 2000. Disponível em: <<http://news-service.stanford.edu/news/2000/november29/gumbrecht-1129.html>>. Acesso em 6 dez. 2005.

SEIXAS, Maria João. “A Propósito de *A casa dos Budas ditosos*”. Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa, 28 mai. 2004. Arquivo **Storm Magazine**. Disponível em: <<http://www.stormmagazine.com/novodb/arqmais.php?id=272&sec=&secn=>>>. Acesso em 29 jul. 2005.

VASCONCELOS, Helena. Introdução a: “A Propósito de *A casa dos Budas ditosos*”. Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa, 28 mai. 2004. Arquivo **Storm Magazine**. Disponível em: <<http://www.storm-magazine.com/novodb/arqmais.php?id=272&sec=&secn=>>>. Acesso em 29 jul. 2005.

8.2.6. OUTROS

RIBEIRO, João Ubaldo (entrevista). Arquivo da ed. Nova Fronteira.

_____. Palestra realizada na Alemanha, sem data.

APÊNDICE
— QUESTIONÁRIO “PROUST” COM
JOÃO UBALDO RIBEIRO⁹⁵⁹

1. Qual foi seu primeiro texto?

Depende do que você quer dizer com “primeiro texto”. No sentido mais rigoroso, foram as descrições e dissertações que fiz ainda no curso primário, para as aulas de português. Não sei qual foi a primeira. Fiz ainda umas quadrinhas e bobagens assim. Mais claramente, lembro que, quando Monteiro Lobato morreu, fiquei pasmo, porque não me ocorria a idéia de que ele fosse morrer algum dia. Eu devia ter meus oito ou nove anos e me lembro de que, sem saber da besteira que estava cometendo, comecei a “continuar” a obra de infantil de Monteiro Lobato, num caderno que há muito se perdeu. Meu primeiro texto literário publicado foi o conto “Lugar e circunstância”, que hoje não me parece ser um conto, mas uma mera reminiscência fictícia da primeira infância, no suplemento literário do hoje falecido *Jornal da Bahia*. Antes, no antigo ginásio, eu, que era muito elogiado pelos professores de português, escrevia coisas esparsas, cujo teor me escapa, não recorde direito.

2. Lembra-se de quais foram seus motivos?

Eu sempre gostei de escrever, embora não pensasse numa carreira de escritor profissional, o que só ocorreria décadas depois, por volta de meus quarenta anos (antes disso, eu já tinha publicado uns três livros e alguns contos, mas sempre achando que seriam uma atividade paralela). Meus motivos para escrever foram os elogios que eu recebia de quem lia meus textos “privados”, a convicção de meu amigo Glauber de que eu era um escritor, o envolvimento com uma excelente revista do Centro Acadêmico da faculdade de Direito da Universidade da Bahia

⁹⁵⁹ Questionário realizado com o escritor, por e-mail, de 11 ago. 2002 a 31 mai. 2003.

(*Ângulos*), o início de minha enturmação com a patota dos intelectuais e artistas da Salvador de meu tempo, a idéia romântica que eu fazia da vida de um escritor e motivar as mulheres a acharem pelo menos uma coisa atraente em mim, já que eu era feio, sem dinheiro, desajeitado e meio abestalhado.

3. Quem foi seu primeiro leitor?

Meu pai.

4. Quais foram os primeiros comentários que você recebeu sobre esses textos?

Eram bem escritores, engraçados e revelavam jeito para a coisa.

5. Você conserva algum traço daquela escrita?

Acho que sim, mas não consigo pôr o dedo em cima.

6. O que estava lendo nesse momento?

Eu lia tudo desde pequeno. E, nessa época, a lista é interminável, Hemingway, Sartre, Faulkner, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Joyce, Kafka, Jack Kerouac — tudo o que aparecia eu traçava. Realmente, daria para encher a página só de nomes. Sobre isso, há um texto mais detalhado no último capítulo (?) de *Um brasileiro em Berlim*.⁹⁶⁰

7. Como teve acesso a suas primeiras leituras?

Novamente, isto está bem exposto no capítulo final de *Um brasileiro em Berlim*. Eu sempre vivi em casas superlotadas de livros e tinha acesso livre a praticamente tudo.

8. Em que línguas você lê?

Muito bem, só português e inglês. Razoavelmente, espanhol. Mediocrementemente, francês, italiano, catalão e galego. Decifro penosamente algum latim e alemão, mas não os leio correntemente.

9. Que autores tiveram mais importância em sua formação?

Impossível dizer, porque acho que foram praticamente todos os bons que eu li, numa lista que vai de Monteiro Lobato a Shakespeare, Joyce e Rabelais.

10. Qual é seu poeta favorito?

Não tenho um favorito, tenho inúmeros. Jorge de Lima, W. H. Auden, Shakespeare, Castro Alves, John Donne, João Cabral de Melo Neto, entre muitos outros.

11. Quando e onde se encontra com escritores?

Por acaso ou em ocasiões especiais, geralmente eventos promovidos por universidades e entidades culturais.

12. Tem amigos escritores? Quem são eles?

Depois que Jorge Amado morreu, não tenho praticamente nenhum amigo íntimo escritor, a não ser alguns companheiros de geração na Bahia, especialmente João Carlos Teixeira Gomes. E, especialmente, sou muito amigo do poeta Geraldo Carneiro.

13. Tem inimigos escritores? Quem são eles?

É muito difícil saber. Não creio que tenha inimigos ferrenhos, mas nunca se sabe.

14. Você pertence a algum grupo?

De jeito nenhum.

15. Quais são seus personagens de ficção favoritos?

Difícil dizer, vou esquecer muitos. Mas ponha D. Quixote, Hamlet, Emília (Monteiro Lobato), Ricardo III (Shakespeare), Gargântua, Diomedes (*Iliada*), Aquiles (idem), Tom Jones (Fielding), Peter Pan, Alice (Carrol), Tarzan, Setembrini (*A montanha mágica*), os três mosqueteiros (principalmente Athos e o quarto, D'Artagnan), Dan'l Webster (Stephen Vicent Benét, em *The Devil and*

⁹⁶⁰ João Ubaldo refere-se à crônica “Memória de livros”, já citada.

Dan'l Webster), o narrador anônimo de *Guys and Dolls* (Damon Runyon), Robinson Crusoe, Sherlock Holmes... Não acaba nunca.

16. Que personagem feminino se aproxima de seu ideal de mulher?

Esta é mais difícil, porque não se trata de personagens, mas de ideal de mulher. Nunca tive realmente ideal de mulher, sempre tive o gosto variegado nessa matéria. Eugénie Grandet, talvez; talvez Penélope, talvez a deusa Palas-Atena (que, aliás, não era dada a chamegos e era virgem).

17. Que frase da literatura cita com mais freqüência?

Talvez: “Mais do que prometia a força humana” (Camões). Mas só talvez, porque não creio que haja uma favorita, entre dezenas.

18. Quais são os traços definidores de seu estilo?

Não faço idéia. Não gosto muito de parágrafos, costumo usar poucos.

19. Qual de seus livros prefere?

Viva o povo brasileiro.

20. Que efeito lhe causam as críticas sobre sua obra?

Irritação, geralmente.

21. Qual a opinião sobre você que mais o incomodou?

A de que eu sou um “debochado acadêmico”, que saiu na *Folha*, não sei quando, da autoria de sei lá quem. Mas uma porção de outras me irritou, só que eu esqueço com facilidade.

22. De que condições você precisa para escrever?

Sossego, no sentido mais abrangente. Meus dicionários, meus livros favoritos, minha mulher.

23. Quais são as etapas de seu trabalho até chegar ao texto definitivo?

Bolação (caótica e errática), título, dedicatória, epigrafe e texto.

24. O que está escrevendo neste momento?

Ainda está chocando na cabeça, não sei bem. E o que eu imagino que vou escrever antes de começar quase nunca é o que sai escrito.

25. Que livro você gostaria de ter escrito?

A *Iliada*.

26. Que país escolheria para viver?

Aqui mesmo, mas rico o suficiente para ter casas fora e ficar fora quando me desse na telha.

27. Que época escolheria para viver?

A época de minha infância, em Aracaju, mas só como eu a fantasio.

28. Se lhe assegurassem impunidade, quem você mataria?

A sangue frio ninguém. Enlouquecido de raiva, qualquer um.

29. Quem você ressuscitaria?

Glauber Rocha.

30. Qual é o feito militar que mais admira?

A resistência espartana nas Termópilas, durante as guerras greco-persas.

31. Qual é a reforma que mais lhe agrada?

A reforma fiscal, com a adoção do imposto único.

32. Qual é seu personagem favorito na História de seu país?

O Barão de Itararé.

33. Tem ou teve alguma militância política? Qual?

Na adolescência, pós-adolescência e maturidade jovem, de esquerda, simpatizante do marxismo, leitor da *Critique de la raison dialéctique*.

34. Tem algum fanatismo?

Tenho horror a todo fanatismo.

35. Qual é seu quadro favorito?

Qualquer Van Gogh, Renoir, Bosch, Miró, Rafael.

36. Qual é seu cheiro favorito?

Livro velho, virilha de mulher.

37. Que esportes pratica ou praticou?

Futebol, tiro ao alvo, pescaria, xadrez (pessimamente em todos os casos, menos tiro ao alvo).

38. Qual é seu prato predileto?

Uma bela feijoada, com bastante paio e toucinho cozido (para esmagar com farinha).

39. Qual é seu nome preferido?

Pedro.

40. Qual é sua piada predileta?

Gozado, houve um tempo em que eu contava piadas a festa inteira, sabia todas. Hoje me lembro de algumas, se as ouço repetidas. E, de vez em quando, me ocorre uma. Agora, não me ocorre nenhuma, nem favorita, nem não-favorita. Receio que, no momento, não tenha piada favorita.

41. Que matérias eram seus pontos fracos?

Todas as “ciências duras”, ou seja, matemática, física, química etc. Mas hoje sei que, embora não tenha, por exemplo, nenhum talento matemático em especial, também não sou uma toupeira, sou uma vítima de professores ruins na infância e pré-adolescência. E adolescência também, pensando bem, tudo. Eu tive alguns poucos bons professores, mas a maioria era péssima e hoje tenho certeza de que me daria melhor em matemática, se ma tivessem ensinado direito.

42. Há alguma ciência que o interesse particularmente?

Biologia.

43. Qual é sua música favorita?

Também não tenho. Mas gosto muito dos *Concertos de Brandenburgo*, todos os seis, a *Tocata e fuga em ré menor*. Eu gosto enormissimamente de Bach e muito de Mozart, Beethoven, Vivaldi, Brahms. Mas sou ignorante em matéria de música.

44. O que sente ao cantar o hino nacional?

Em ocasiões como jogos da Copa, acontecimentos políticos importantes ou cenas que me emocionem por alguma razão, eu choro.

45. Como definiria a brasilidade?

Não sei. Minha formação nas ciências sociais me impede de me endereçar a esses assuntos com simplicidade, fico logo com vontade de dar uma de minhas aulas antigas. Não posso dizer isso, a não ser, talvez, num ensaio. Falha minha, sem brincadeira.

46. Convive com animais?

Não, porque vivo em apartamento e isso fica difícil. E não gosto de bichos presos, como, por exemplo, passarinhos em gaiolas. Quando era jovem, gostava muito de cachorros, gatos, todos os bichos domésticos. Já não gosto tanto, embora saiba bastante sobre cachorros, porque houve um tempo em que lia regularmente revistas especializadas. Tenho asco invencível de baratas e outros insetos, inclusive em forma de lagartas. Gosto de ver pássaros livres, na Natureza. Abomino, contudo, pombos e pardais. Bem, já respondi demais. A resposta certa é não, não convivo com animais.

47. O que faz nas horas de ócio?

Não tenho propriamente horas de ócio. Se é ócio mesmo, eu durmo. Sou capaz de dormir o dia inteiro, se for o caso, e não fico com problemas para dormir também à noite. A não ser que ler, entrar na Internet, conversar etc. seja considerado ócio.

48. Em que medida sua condição de escritor influenciou sua relação com as mulheres?

Não faço idéia. De modo geral, atraio chatas literárias, que julgam poder ter o que quer que imaginam que sejam “altos papos”. Um grande número de chatas mesmo, muitas sub-escritoras com enormes vocações e minúsculos talentos, chatas, chatas, chatas são a esmagadora maioria das mulheres que a condição de escritor me rendeu. E olhe que me dou bem com as mulheres, tenho grandes amigas e já fui bom nisso, para ser modesto. Tive reputação entre elas, em certo período, infelizmente muito curto, de minha vida. Mas mulheres que só encontrei pela via da minha condição de escritor foram, como disse, geralmente chatas variadas.

49. Que filmes você viu várias vezes?

Ah, uma porrada, no tempo em que eu era cinéfilo. Houve tempo em que eu sabia os elencos principais de qualquer filme (quase sempre americano, depois italiano e francês um pouco) que se citasse num papo. Não sei dizer. *O grande ditador*, *Picnic (Férias de amor)*, em português, que Glauber e eu adorávamos), tudo de John Ford, Hitchcock, Frank Capra. Sicca e Zavattini, ah, não acaba mais. Eu via tudo várias vezes, não há como citar sem produzir um volume de várias páginas.

50. Que órgãos de imprensa lê?

Tenho lido menos desses órgãos ultimamente, bem menos. Lia sempre a *Time* e a *Newsweek*, mas há muito tempo não as compro. Leio todo dia, quase sempre com angústia e nervosismo, *O Globo* e o *JB*. Leio mal, há certos colunistas, notadamente os que fazem quatro metáforas a cada duas linhas, cujo texto não posso encarar sem me exasperar. E as notícias me deprimem, tudo me deprime e me deixa ansioso. Leio alguns pedaços de coisas na Internet, às vezes dou uma curtida na *Tribuna do Norte*, de Natal, RN. Não leio habitualmente nenhuma revista mais. Abandonei o *Scientific American*, onde freqüentemente achava artigos que não entendia, mas adorava assim mesmo, a *Discover*, a *Superinteressante*. Não sei o que se passa comigo, não gosto disto. Talvez seja por causa de minhas pálpebras, que vou operar agora e que me chateiam para ler e escrever, talvez seja porque eu passe tempo demais diante desta máquina. Como disse, não gosto disso e vou mudar. Se bem que vem aí um novo romance e não vou largar o teclado. Mas quero, sim, voltar a ler minhas revistas.

51. De que vive?

De escrever. Principalmente de escrever para jornal, porque, apesar de meus livros, costumeiramente, venderem bem, não dá. Eu ainda me dou por feliz, porque meu agente vendeu bem dois livros meus e eu pude comprar o apartamento, tendo, portanto, onde cair morto e não deixando a viúva desabrigada. Mas preciso escrever para jornal, senão o dinheiro, além de tudo incerto e irregular, não dá.

52. Qual sua relação com o dinheiro?

Dinheiro me deixa nervoso. Quer dizer, pensar nele, gerenciá-lo, lidar com ele de outra forma que não seja um simples receber e gastar. Eu não sou consumidor e não sinto falta de uma porção de coisas que atraem outras pessoas, mas gosto de ter dinheiro para as necessidades relativamente modestas que minha mulher e eu temos e tenho pavor de ficar com problemas de dinheiro. À medida que vou ficando mais velho, vou ficando menos mão-aberta, meio pão-duro, até, em relação a meus quase pródigos padrões antigos. Eu não queria ser milionário, não queria mesmo, mas queria ter certeza de que nunca mais teria problemas com dinheiro, como amigos meus, de meu tempo, estão enfrentando. Tremo em pensar, agradeço a Deus minha situação.

53. Como imagina seu momento perfeito?

Imagino-me morrendo em paz e me transformando num espírito puro; desaparecendo como se esvanecesse.

54. De que dia de sua vida você se lembra especialmente?

Eu tinha 23 anos e era considerado o melhor aluno de estatística. Um dia, o meu professor americano disse: “É graças a alunos como o Ribeiro que ainda vale a pena lecionar”. Disso eu me lembro especialmente.

55. O que lhe causa mais vergonha?

Ficar nervoso em público, e eu raramente fico nervoso em público. E quando fico nervoso sinto vergonha por estar nervoso.

56. De que tem mais medo?

Morro de medo de morte de gente querida. É do que tenho mais medo.

57. De que se arrepende?

Eu não me arrependo de nada. Não, não, me arrependo, sim. Arrependo-me de não ter desfrutado de momentos cuja riqueza só hoje eu sou capaz de compreender.

58. Quem você despreza?

Eu desprezo o canalha, traidor, assassino, delator. Antes de tudo, o traidor.

59. O que detesta acima de tudo?

A resposta está acima.

60. Qual seria sua maior infelicidade?

Perder a fé.

61. Qual é o principal traço de seu caráter?

A persistência.

62. Quantas horas dorme?

Isso varia muito; já variou muito. Hoje durmo oito horas por dia.

63. Como gostaria de morrer?

A resposta está acima: em paz e me transformando num espírito puro; desaparecendo como se esvanecesse.

64. Acredita em Deus? Em qual?

Sim, acredito. Acredito em um deus. Basta isso.

65. Qual é sua divisa?

“Não há nada como um dia após o outro.”

66. O que gostaria de ter sido?

Eu gostaria de ter sido um grande jogador de futebol, um craque das multidões, o rei dos estádios.

67. Para que serve um escritor?

Também não sei. Não estou querendo ser tautológico, mas diria que serve para escrever.

68. Por que escreve?

Não sei. Só sei que, desde que o homem aprendeu a falar, mesmo antes de aprender a escrever, contava histórias. Alguma razão para isso há de haver, não sei qual.

* * *